

COLEÇÃO DIREITOS HUMANOS E SAÚDE

UMA IMAGEM,
UMA MENSAGEM:

NARRATIVAS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO
NO CONTEXTO DA COVID-19



LABORATÓRIO INTERDISCIPLINAR
DE DIREITOS HUMANOS E SAÚDE



LABORATÓRIO INTERDISCIPLINAR
DE DIREITOS HUMANOS E SAÚDE

COLEÇÃO DIREITOS HUMANOS E SAÚDE

**UMA IMAGEM, UMA MENSAGEM:
NARRATIVAS DE UM PROJETO DE
EXTENSÃO NO CONTEXTO DA COVID-19**



**César Augusto Paro
Neide Emy Kurokawa e Silva**
Organizadores

João Pessoa/PB
2021

Copyright © 2021 dos organizadores.
Todos os direitos reservados à Aldeia Cultural Casa Viva.
Depósito legal efetuado.

Autorizada a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte. O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade dos autores.

Esta publicação deriva do projeto de extensão “Uma imagem, uma mensagem: expressões de profissionais de saúde no contexto do COVID-19” do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ), desenvolvido nos anos de 2020 e 2021.

EQUIPE DO PROJETO DE EXTENSÃO: Carolyne Cosme de Souza, César Augusto Paro, Édnei César de Arruda Santos Junior, Joice Cavalcanti Lima, Joyce Domingues da Silva Oliveira, Juliana Valente Faria Bastos, Karina da Silva Assis Corrêa, Laianne Dias Inácio, Levi de Almeida Santa Rosa, Marcos Paulo da Silva Garcia, Miriam Ventura e Neide Emy Kurokawa e Silva (Coordenadora).

REALIZAÇÃO: Laboratório Interdisciplinar de Direitos Humanos e Saúde - LIDHS/IESC/UFRJ

ORGANIZAÇÃO: César Augusto Paro e Neide Emy Kurokawa e Silva
PROGRAMAÇÃO VISUAL E PROJETO GRÁFICO: André Sampaio e César Augusto Paro

REVISÃO ORTOGRÁFICA: César Augusto Paro

Esta publicação está disponível gratuitamente no site: www.lidhs-ufrrj.org

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P257n Paro, César Augusto
Uma imagem, uma mensagem: narrativas de um projeto de extensão no contexto da COVID-19 / César Augusto Paro, Neide Emy Kurokawa e Silva (organizadores). – Rio de Janeiro: Aldeia Cultural Casa Viva, 2021.
157p. : il. (Coleção Direitos Humanos e Saúde).
Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-993814-1-6

1. Extensão universitária. 2. Narrativa na saúde. 3. Educação popular.
4. Direitos humanos. 5. COVID-19. I. Paro, César Augusto. II. Silva, Neide Emy Kurokawa e. III. Título.

CDU 614

SUMÁRIO

Prefácio.....	9
Apresentação	13
Narrativas dos trabalhadores da saúde	19
Narrativas dos extensionistas	125
Sobre o percurso teórico-conceitual	141
Sobre os autores	153
Sobre o LIDHS	157



**Dedicamos este livro à memória de
tantos trabalhadores da saúde que
não estão mais entre nós para
contar suas histórias.**



“Escreve Clarice Lispector no preâmbulo do seu último romance *A hora da estrela* ecoando vivências que remetem às atuais: ‘trata-se de um livro inacabado porque lhe falta a resposta. Resposta esta que espero que alguém no mundo me dê. Vós?’ (...) é hora de escutar, contar, criar outras histórias.”

João Biehl no Webinar *Saúde Global e COVID-19: por que chegamos aqui? Como vamos sair?*

PREFÁCIO: A COMUNIDADE NOS SALVA

Ivana Bentes

Ainda é difícil avaliar todos os impactos que a pandemia da COVID-19 tem produzido em nosso país, mas a crise de saúde, a crise humanitária, as incertezas em todos os níveis se tornaram um acontecimento divisor que nos faz ver o que uma época tem de singular e de intolerável e faz emergir novas possibilidades de vida.

Não esqueceremos! É o que parecem dizer todos esses relatos tocantes reunidos neste livro que reúne as mais diversas “Narrativas no contexto pandêmico da COVID-19”, fruto de projeto de extensão da UFRJ organizado pelo Laboratório Interdisciplinar de Direitos Humanos e Saúde (LIDHS) que recebeu e trouxe à luz relatos que vêm dá urgência e da linha de frente. Narrativas cotidianas de um grupo que ganhou visibilidade e voz, que ganhou dimensão política: os trabalhadores de saúde.

Ao longo desta pandemia – que ganha contornos traumáticos ao atingir 500 mil mortos no Brasil em junho de 2021, com um assustador crescente de vítimas – nós tivemos a atenção voltada para profissionais que não costumavam estar diariamente na mídia: agentes comunitários de saúde, psicólogos, enfermeiras, médicas, gestores de saúde, fisioterapeutas, sanitaristas e tantos outros que falam aqui. Uma enorme diversidade de funções que tornou os serviços de saúde pública visíveis e deu novo significado e importância social a cada um deles.

Esse livro é uma belíssima contribuição da extensão universitária à memória, à história, ao entendimento do nosso país, em toda sua brutalidade e desigualdades, mas também é uma fala coletiva sobre resistência, resiliência, comunidade e crença,

vinda dessas figuras com os rostos marcados por máscaras e corpo coberto por aventais e equipamentos de segurança.

Milhões de pessoas no Brasil e no mundo seguem boletins médicos dia a dia, sofrem com as mortes e sequelas e vibram com os corpos acometidos e recuperados pela COVID-19, corpos conflagrados de familiares, amigos, colegas, personalidades e também de desconhecidos, vidas pelas quais lutamos.

Não poder acompanhar os pacientes da COVID-19 nos hospitais, estar fisicamente separados de pessoas queridas é um sofrimento adicional para nós, humanos. Como diz o relato de Fernando Guimarães, chefe da seção de pacientes internos do serviço de fisioterapia do Hospital Universitário da UFRJ: “somos a única ‘família’ que os pacientes têm contato enquanto estão internados. O amor de alguém está em nossas mãos...” E os relatos contam o que significa esse estar constantemente diante da morte e lutando por essas vidas.

Mas, e quem cuida dos cuidadores? Esse livro traz a dimensão subjetiva do que é enfrentar uma pandemia dessa dimensão sendo um trabalhador da saúde em um país em crise e com uma dívida histórica com brasileiros em estado de precariedade. E cada depoimento deixa explícito inúmeros impasses e aflições, mostrando a necessidade de falar dos direitos humanos no trabalho no setor saúde.

“Muito se ouve sobre os trabalhadores na linha de frente contra a COVID-19, mas pouco se escuta os mesmos. Acredito que compartilhar e ler experiências é o primeiro passo para desenvolver a empatia”, escreve a extensionista do projeto Juliana Valente Faria Bastos.

O resultado e o impacto dos textos nos faz pensar e desejar agir. Mostra a centralidade da extensão universitária em tempos de crise, impactando na sociedade, na formação dos estudantes e extensionistas que coletaram e ajudaram a organizar as narrativas, bem como o impacto na pesquisa desenvolvida pelos

organizadores César Augusto Paro e Neide Emy Kurokawa e Silva, que também narram o seu percurso teórico e conceitual.

Nós da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ vendo projetos como esse, lendo cada relato, poema, desabafo, celebração, vendo os rostos e as fotos, vendo a produção de conhecimentos novos e também a emergência de laços afetivos, podemos reafirmar a força dessa conexão universidade e sociedade. É a comunidade que nos salva!



APRESENTAÇÃO

Miriam Ventura
César Augusto Paro e
Neide Emy Kurokawa e Silva

Diante da magnitude e rapidez da pandemia da COVID-19, os trabalhadores da saúde mal puderam se apropriar das poucas informações sobre a doença e já precisaram assumir a linha de frente do cuidado às pessoas afetadas.

Além disso, na ocasião, lidavam com a escassez de equipamentos para esse cuidado e de biossegurança, com a necessidade/obrigatoriedade de ampliarem os turnos de trabalho, e com o convívio cotidiano de adoecimento e morte, incluindo de colegas de trabalho. Infelizmente, esse quadro se agravou, com a explosão de pessoas internadas e de falta de insumos para o cuidado das pessoas infectadas.

Ao lado das manifestações públicas de reconhecimento pela sua atuação, os trabalhadores da saúde – diante das vulnerabilidades pessoais e do sistema para desenvolverem suas atividades – experienciam temores, angústias, revoltas, mas também têm ideias e propostas.

Transitando entre uma e outra situação, estima-se a riqueza das experiências vivenciadas por esses trabalhadores neste triste e histórico momento. Em meio a muitas denúncias, certamente há muitos anúncios: de criatividade, de solidariedade, de profissionalismo, de humanismo...

Com esse pano de fundo e entendendo a importância da expressão dessas experiências, tanto pelos seus efeitos individuais quanto coletivos, buscou-se promover a expressão e elaboração dos sentimentos decorrentes dos contextos social, pessoal e profissional gerados pela pandemia da COVID-19, de modo que



se possa contribuir tanto para mitigar o sofrimento destes trabalhadores quanto para registrarmos mais uma das memórias da pandemia.

Para tanto, integrantes do Laboratório Interdisciplinar de Direitos Humanos (LIDHS) do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ) criaram o Projeto de Extensão “Uma imagem, uma mensagem... expressões de profissionais de saúde no contexto da COVID-19”, devidamente cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ.

Por meio das redes sociais Facebook e Instagram, foram criadas páginas para divulgar as imagens com mensagens de profissionais de saúde, mediadas pela equipe do projeto. O projeto iniciou em maio de 2020 e finalizou em abril de 2021.

Nesta obra¹, buscamos compartilhar, especialmente com os trabalhadores da saúde e com aqueles interessados em desenvolver ou que já praticam ações de extensão universitária, o percurso de desenvolvimento do projeto, bem como um catálogo com as expressões daqueles que participaram do processo. Entendemos que olhar para o vivido pode nos ajudar a compreender tanto os desafios experienciados pelos trabalhadores quanto as reconstruções possíveis de si e das práticas de saúde – de quem não tem os esperados “superpoderes” próprios de “heróis”, afinal, são seres humanos, demasiadamente humanos –, bem como pode nos gerar aprendizados sobre o cotidiano extensionista em períodos de distanciamento físico, quando o ambiente virtual se torna um imperativo sanitário.

É importante esclarecer que, a despeito da distinção entre o termo “profissional de saúde”, que circunscreve os profissionais das categorias ocupacionais da área da saúde, e o termo

¹ Confira mais detalhes sobre este projeto de extensão, incluindo outras iniciativas não descritas neste livro em: <https://www.lidhs-ufRJ.org/uma-imagem-uma-mensagem>.

“trabalhadores de saúde”, que abrange todos aqueles que trabalham nos serviços de saúde incluídas as funções de apoio (como recepção, limpeza, segurança etc), utilizaremos nesta obra ambos os termos indistintamente, sendo que o projeto buscou abranger todos aqueles que atuam em qualquer função nos serviços e ações de saúde e que se considerassem estar em “linha de frente”.

Para contar esta história, iniciamos com as narrativas dos trabalhadores da saúde, como uma espécie de “catálogo” de suas obras. Após breve caracterização dos sujeitos que participaram e de suas respectivas contribuições, apresentamos, na íntegra, as imagens e mensagens que compuseram o projeto, de modo que os leitores possam contemplar as diversidades de cores, formas, enquadres das produções imagéticas, bem como de sons, versos, prosas das produções textuais.

Posteriormente, trazemos as narrativas daqueles que foram responsáveis pela concepção e pelo apoio nas diferentes etapas do projeto. Com a preocupação de agregar à extensão o seu caráter também de ensino e investigativo, consolidando o tripé da formação universitária, este processo extensionista permitiu instaurar uma grupalidade frutífera para a formação de uma “Equipe” com “E” maiúsculo. Os leitores encontrarão, neste capítulo, uma narrativa coletiva que encarna a polifonia de visões, impressões e análises sobre o experienciado.

Por fim, contamos sobre o percurso teórico-conceitual, colocando em diálogo as referências que nos ofertaram tanto os assoalhos para nos assentarmos, quanto as inspirações para que pudéssemos também nos movimentarmos e partir para atos-criadores que explorem o potencial das narrativas no exercício da construção cotidiana do direito humano à saúde.

A defesa de direitos, também conhecida por *advocacy*, tem sido frequentemente descrita como uma estratégia-chave para o alcance dos objetivos de promoção da saúde, focalizando-se na proteção e empoderamento de grupos. A *advocacy* em direitos humanos como prática autopromotora e promotora da saúde é dependente de um processo cuidadoso de escuta das pessoas envolvidas nas causas ou casos selecionados, com especial atenção à diversidade de valores e práticas construídas intersubjetivamente.

O projeto de extensão “Uma imagem, uma mensagem... expressões de profissionais de saúde no contexto da COVID-19” proporcionou este espaço dialógico e reflexivo privilegiado entre universidade e profissionais de saúde, com narrativas imprescindíveis à defesa dos direitos à saúde em situação pandêmica tão adversa.

As narrativas reunidas constituem uma caixa de ressonância de valores, práticas, iniciativas e sentimentos vivenciados por estes profissionais do cuidado. Nos traz à tona uma diversidade de perspectivas éticas, políticas, espirituais e de conjugações do verbo *esperançar*, ao mesmo tempo que denunciam disparidades em saúde, injustiças e angústias. O resultado do projeto atende a promoção da saúde desses profissionais e torna-se material imprescindível na abordagem dos direitos humanos no trabalho de saúde. Neste sentido, a publicação desenvolvida vai ao encontro de uma das finalidades da Coleção Direitos Humanos e Saúde de contribuir na difusão do conhecimento produzido na universidade junto à comunidade e no desenvolvimento de pesquisas acadêmicas.

Esperamos que a obra desperte sentimentos e ações positivas em prol das transformações necessárias para o enfrentamento do dramático momento que vivemos.



**NARRATIVAS DOS
TRABALHADORES DA SAÚDE**
César Augusto Paro e
Neide Emy Kurokawa e Silva



18



19



20

***“Não queremos ser heróis.
Queremos vida para todos,
com saúde, dignidade, respeito, amor e arte!”***

Foram com estes versos que espriávamos o convite para que trabalhadores da saúde pudessem compartilhar uma imagem e uma mensagem que expressassem as suas experiências em estar na linha de frente à COVID-19.

Começamos a divulgar entre trabalhadores que fossem conhecidos de alguém da equipe do projeto. Entre um telefonema e outro, entre uma mensagem de *whatsapp* e outra, as respostas ao “olá, tudo bem com você?” já ia nos confirmando da pertinência da proposta. Ao invés do clássico “tudo bem, e você?”, emergia uma miríade de respostas que remetiam aos desafios que o contexto pandêmico vinha trazendo para o cotidiano de trabalho e de vida desses sujeitos.

Com a divulgação nas redes sociais das primeiras postagens e a nossa participação em eventos, começamos a ampliar o círculo de pessoas que iam conhecendo a proposta e aderindo. A caixa de entrada do e-mail do projeto, local para o qual as imagens e mensagens deveriam ser submetidas para então serem processadas e postadas, passou a receber mensagens de sujeitos que até então desconhecíamos. Recebemos, no período de maio a setembro de 2020, 47 contribuições.

As imagens e mensagens foram criadas em diversos cantos e recantos deste país... A capital carioca, município em que a equipe atua, foi o local com maior número de participantes, com narrativas que vieram também das cidades que conformam sua região metropolitana, como Belford Roxo, Itaboraí, Mesquita, Nova Iguaçu e São João de Meriti. Dos estados vizinhos Minas Gerais e São Paulo, vieram contribuições tanto de suas capitais e região metropolitana paulistana (Embu-Guaçu/SP), como de municípios do interior (Cataguases/MG, Botucatu/SP e de algum



canto do extremo sul paulista, como decidiu se identificar uma das trabalhadoras²).

Do planalto central brasileiro, tivemos imagens e mensagens de Brasília e Ceilândia, no Distrito Federal, e de Cuiabá, a capital mato-grossense. Já ao sul do país, também recebemos contribuição vinda diretamente da capital gaúcha, Porto Alegre/RS.

Por fim, do nordeste brasileiro, tivemos desde contribuições vindas da pequena Afogados da Ingazeira no sertão pernambucano às contribuições potiguares de Natal e Parnamirim e as baianas de Camaçari, Dias d'Ávila, Palmeiras e Salvador.

Além da multiplicidade regional que já trazia um rico colorido ao projeto, foram também diversas as funções³ exercidas por estes sujeitos nas linhas de frentes: agentes comunitários de saúde, assistentes sociais, dentistas, doula, educador popular em saúde, facilitador de yoga/meditação, gestor, enfermeiras, farmacêuticos, faturista hospitalar, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, médicos (incluindo estagiária de medicina), nutricionistas, psicólogos, sanitaristas e técnica em saúde bucal.

Tais trabalhadores da saúde estiveram envolvidos nas linhas de frente em diferentes serviços de saúde, público e particulares, com ações de assistência, promoção, educação e vigilância à saúde. Houve registros de quem esteve com o território atuando em unidades básicas de saúde, de quem esteve nos cuidados de saúde mental em Centros de Apoio Psicossociais, de quem esteve nos serviços de atendimento especializado em unidades hospitalares, de quem esteve gerando

² Como a participação no projeto poderia trazer uma desnecessária exposição ao trabalhador participante, este poderia na sua identificação poder descrever a sua localidade da maneira que preferisse, bem como utilizar um pseudônimo para se apresentar. Nas contribuições recebidas e postadas, o primeiro recurso foi utilizado duas vezes e o segundo uma.

informações/monitorando a situação de saúde nas unidades de vigilância em saúde, de quem deu suporte para a continuidade de um atendimento integral nos serviços de tratamento fora de domicílio, de quem operava a partir de saberes tradicionais e populares para ações de promoção e cuidado numa perspectiva holística.

As suas mensagens vieram nas formas de prosas e de versos, seja para contar, seja para refletir. Ao passo que alguns dos escritos buscavam por meio de uma linguagem poética enredar acontecimentos que passavam por suas existências enquanto esta pandemia não passa, outros descreviam sobre as diversas reconstruções que se fizeram necessárias para conjugar, em ato, o verbo cuidar, incluindo aqui o cuidado de quem já se contaminou, de quem ainda não contraiu o vírus ou, até mesmo, do autocuidado, afinal, profissional de saúde também é gente de carne, osso, sangue e alma.

Devido ao limitado espaço para a inserção de textos nas redes sociais, pedíamos que as mensagens não ultrapassassem de 2.200 caracteres. Mas, como para toda regra há uma boa exceção, a crônica “Dia de Nascer” da doula Nilcéia Figueiredo contando um parir em meio à pandemia teve de ser audiogravada para que cada detalhe dessa família que se expandiu pudesse ser registrado.

Já as imagens transitaram de flores, céus, arco-íris e desenhos às práticas laborais e detalhes dos locais e equipamentos de trabalho. Na sua maioria, os colaboradores escolheram como imagem os seus próprios rostos. Os sorrisos típicos deste tipo de foto foram, por vezes, ocultados com esta nova peça de vestuário

³ O projeto tinha como público os trabalhadores da saúde, incluindo o pessoal de apoio (vigilância, limpeza, recepção, etc), afinal, os serviços e ações de saúde não operam somente com pessoas com formação técnica ou universitária de cursos específicos da área da saúde.

que agora nos acompanha enquanto o SARS-COV-2 circula entre nós: a máscara.

Para compor com as mensagens do presente, algumas imagens foram selecionadas do passado de quando o distanciamento físico não era um imperativo, nos lembrando a natureza coletiva do produzir saúde, da natureza social do ser humano. Em outros casos, uma única foto era insuficiente para poder representar tudo o que se queria mostrar e fazer ver. É aí que surgem as imagens-miscelâneas, com combinação de registros que não deixam nada e nem ninguém de fora do que se queria reproduzir imageticamente. Neste sentido, teve até quem mesmo brincou com o nosso mote de “uma imagem, uma mensagem” para propor “duas imagens, duas mensagens”, como fez a médica de família e comunidade Evelin Esperandio.

Se, por um lado, várias das imagens e mensagens denunciavam os desafios decorrentes das situações-limite que emergiram do contexto pandêmico pela COVID-19 e as diversas problematizações de quem se percebeu no olho do furacão, por outro, algumas nos anunciavam atos-limites encarnadas de criatividade, ousadia e esperança – de uma esperança que não tem a ver como uma simples espera, mas de uma esperança que se dá na forma do verbo esperar, em que sonhos e utopias propulsionaram as transformações possíveis no hoje para a construção cotidiana da integralidade do cuidado em saúde.

Com vocês, as imagens e mensagens dos profissionais de saúde!



Infográfico com as palavras mais utilizadas nas mensagens dos trabalhadores da saúde.



“Da janela da minha casa, eu sempre vi a vida passar. É desse lugar que eu todos os dias saúdo o sol enquanto tomo um café preto e me organizo para o dia que está por vir. É desse mesmo lugar que tento brincar todas as noites de contar as estrelas – tarefa que nunca consegui terminar. De uns tempos pra cá, a paisagem que vejo tem tomado outros ritmos, outras formas, outros fluxos... O silêncio das ruas fez com que outras sonoridades antes invisibilizadas pudessem aparecer. Os cantos dos pássaros... O barulho do vento... Fica até mesmo parecendo que a nossa vida conturbada parou! Mas, é só ligar a televisão ou olhar para o celular para lembrar que esse silêncio é só mesmo na minha rua... O mundo todo grita! Desempregados gritam para comer! Pessoas contaminadas gritam para sobreviver... Cientistas gritam por maiores investimentos para poder produzir mais conhecimento para combatermos o vírus... Profissionais de saúde gritam por condições de trabalho... Em meio a tantos gritos de denúncias, experiências criativas também começam a anunciar um outro mundo possível. Gente que busca no seu cotidiano reconstruir as suas práticas para melhor poder responder aos desafios gerados por todo este contexto. Escrevem uma nova história! Uma história não de gente que quer ser herói. Uma história de gente que quer vida para todos, com saúde, dignidade, respeito, amor e arte! Histórias... Anúncios... Denúncias... Quais são as suas?”

*César Augusto Paro, educador popular em saúde.
Rio de Janeiro/RJ, 13 de maio de 2020.*



“Sou psicóloga com dois vínculos em uma secretaria estadual de uma das capitais brasileiras. Em um dos vínculos, eu trabalho em uma internação psiquiátrica para dependentes químicos. Nosso serviço não é ‘referência para COVID’, mas, no dia 20 de março, um dos nossos colegas enfermeiro adoeceu e, no dia 25 de março, foi para a UTI ainda sem a confirmação do teste para coronavírus, mas com todas as características clínicas de COVID. Logo em seguida, a cada dois dias mais ou menos, um ou dois colegas adoeceram. Ao todo foram 20 contaminados de 57 pessoas testadas, sendo 5 deles pacientes. Sabemos que se os EPIs tivessem chegado a tempo, muito poderia ter sido evitado. Nosso colega foi sepultado depois de 37 dias na UTI e depois de 37 anos de SUS. Porém, o que mais me fragiliza hoje, depois de várias fases no processo em lidar com a pandemia do lado de dentro, é ver o vazio nos gestores do SUS. Vazio de investimento econômico e de investimento de princípios doutrinários do SUS. Tivemos, por outro lado, a grata surpresa de perceber o quanto os pacientes deram lição de resiliência e serenidade para lidar com as novas regras sanitárias. Infelizmente, meus colegas continuam sofrendo discriminação por parte de vizinhos, outros colegas de trabalho de outras unidades e familiares. Boa parte disso foi causada pelo sensacionalismo de alguns veículos de comunicação... As manchetes nos chamavam de ‘epicentro do coronavírus’ ou ‘ninho de COVID’. Nossas dificuldades não são novas, mas agora custam nossa própria vida. Apesar de tudo, o que seguimos querendo é a divulgação e o acesso à nossa função social junto à população, queremos condições de trabalho, queremos fazer o que sabemos fazer. Não queremos ser heróis, queremos viver em um mundo que valorize a vida! REVOGAÇÃO AO TETO DE GASTOS JÁ!!!”

*Daniella, psicóloga.
Uma capital brasileira, 05 de maio de 2020.*



“Xô covid, xô!

Acolhimento

Orientação

Equipe

Saúde

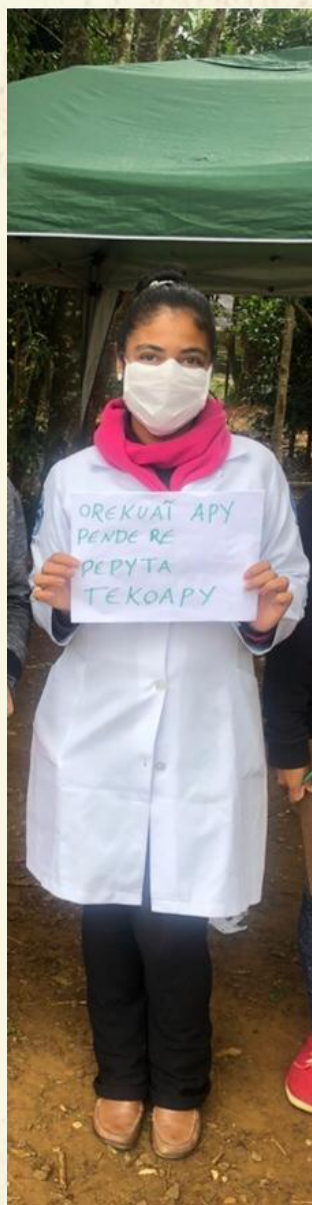
Luta

Dedicação

Vidas renascendo em nossas mãos!”

Selma, agente comunitária de saúde.

Belford Roxo/RJ, 18 de maio de 2020.



“Devagarinho fiquei mais íntima da terra (eu pertencço a ela)
Reencontrei meus irmãos, os saldei e caminhamos na luz de
Nhanderu

...

As trilhas me mostraram que se perdendo, se encontra
Foi um destino difícil a percorrer
No caminho havia alma que acalma, alma que agita, alma que
indigna, grita e liberta

...

Conheci pessoas que eu já conhecia
Mergulhei na represa e senti a dor e a beleza
Ali estavam meus antepassados, ali havia meus velhinhos(as)

...

Bem ali o meu povo sangrou em choros pelas mais de 412
mortes indígenas
De mãos dadas com os mestres, segui e aprofundei nas matas
Durante a floresta enxerguei o amigo e protetor Caipora,
sempre comigo nos rituais

...

Aqui sempre estive, aqui ficarei
Não sairemos daqui, ancestrais
Resistiremos pelos nossos
Refugiaremos na mãe terra (de onde viemos e para lá
retornaremos)

...

Tu que invade, mata, extermina
Haverá de chegar o dia do avalanche
Nos dias finais, de vocês só restará o fogo; eu imploro: fogo
neles”

*Nayara Veras dos Santos, assistente social.
Extremo Sul de São Paulo, 27 de junho de 2020.*



“Se teus olhos forem bons, todo seu corpo será cheio de luz’ (Mateus 6:22) – uma das minhas passagens bíblicas preferidas que resume bem as últimas semanas/meses. Confesso que tem sido difícil manter a positividade, mas procuro sempre manter meu olhar de ‘Poliana’ e jogar o jogo do contente, buscando encontrar pontos positivos a cada amanhecer. Quase todos os dias ao tomar meu café da manhã, a depender da incidência da luz e da posição da minha janela, esse pequeno arco-íris se forma na minha parede da sala. Olho, contemplo e agradeço. Peço a Deus por dias melhores e sigo com fé!”

*Ana Chayanne Braga Tanajura, cirurgiã-dentista.
Dias D'Ávila/BA, 19 de junho de 2020.*



“No meio do caos, descobrimos que a marca das nossas máscaras se chamava ‘corpo astral’. Que seja um prenúncio pro #Lockdown”

*Alfredo de Oliveira Neto, médico de família e comunidade e professor de medicina da UFRJ.
Rio de Janeiro/RJ, 10 de maio de 2020.
Foto: Clara Antunes*



“Foi um momento de acolhimento em meio a tantos desafios. Escutar é sempre a primeira ação do profissional de saúde, e não poderia ser diferente em meio a tantas notícias ruins. O medo não pode nos paralisar! Acolher com respeito e solidariedade é parte do papel das UBSs.”

*Raissa Lorena Bandeira Landim, cirurgiã-dentista.
Parnamirim/RN, 17 de junho de 2020.*



“Os caminhos que nos levam a profissão de saúde, no meu caso, a enfermagem, acabam gerando reflexões todos os dias e o pensar saúde.

Neste momento caótico em que vivemos, celebramos o considerado ano da enfermagem pela Organização Mundial de Saúde. Aqui estamos nós diante do enfrentamento realizando o que a estrutura de saúde permite para além da pandemia de COVID-19.

Com acesso dificultoso, imunizamos os idosos em seus domicílios para que estes pudessem se preservar da exposição ao risco de contrair algum outro vírus. Porém, temos uma dualidade nesta questão: o território dinâmico e suas questões... Olhamos para o ambiente na imagem e atentamos para um ponto em que se apresentam dois rios e ambientes insalubres de moradia. O cenário é bem próximo a uma unidade de saúde e os rios outrora já foram caudalosos e renderam alimento, água e qualidade de vida. Fluíram e, com a ação humana, mudanças ambientais e outros fatores, vemos até onde a discussão de determinantes e condicionantes sociais podem trazer um olhar sobre a população pré e pós-crise de saúde pública. Trazendo para o presente e pela passagem de elucubrações que criei durante as visitas domiciliares, chego a outro questionamento: o que é o acesso justo?

O repensar o acesso e a prevenção neste momento é crucial. Envolver e respeitar a categoria de enfermagem neste momento é essencial para o olhar sobre o sistema de saúde digno aos cidadãos.”

*Thais Machado, enfermeira.
Rio de Janeiro/RJ, 13 de maio de 2020.*



“Só quero expressar a importância que essa categoria representada na fotografia tem. Enfermeiros... Na grande maioria atuam de forma precária, sem recursos, mas com sorriso no rosto em saber que estão contribuindo para bem-estar físico e mental dos pacientes. Nesse tempo atual de pandemia, vejo ainda mais como a saúde não consegue literalmente andar sem vocês. Existe abdicção de encontrar os familiares, o medo do desconhecido e a fragilidade que todo ser humano enfrenta. A cada dia, eu vejo nos olhos de cada um a vontade de acertar... Fica aqui o meu muito obrigado e tenho certeza que vamos superar mais essa juntos.”

*Anderson Souza, gestor de unidade de atenção primária.
Rio de Janeiro/RJ, 16 de maio de 2020.*



“Nesse pano de fundo do contexto social em pandemia por conta da Covid-19, tenho reconfigurado minha vida e as ações pessoais e profissionais. Em tempo algum, poderia me imaginar temer o ser humano, me proteger do ser humano para que a minha vida e a dele (o próximo) pudesse ser preservada.

Não é heroísmo, mas, sim, amor, respeito para com o outro. Meu lema tem sido: ‘reconfigurar para avançar!’”

Ana Iara Valeriano, agente comunitária de saúde.

Nova Iguaçu/RJ, 13 de maio de 2020.



“Adaptando-me às novas formas de cuidado e me esforçando para reduzir as distâncias, seja as causadas pelo uso do jaleco e da máscara, seja a própria distância física.”

*Laura, nutricionista do NASF-AB.
Belo Horizonte/MG, 20 de junho de 2020.*



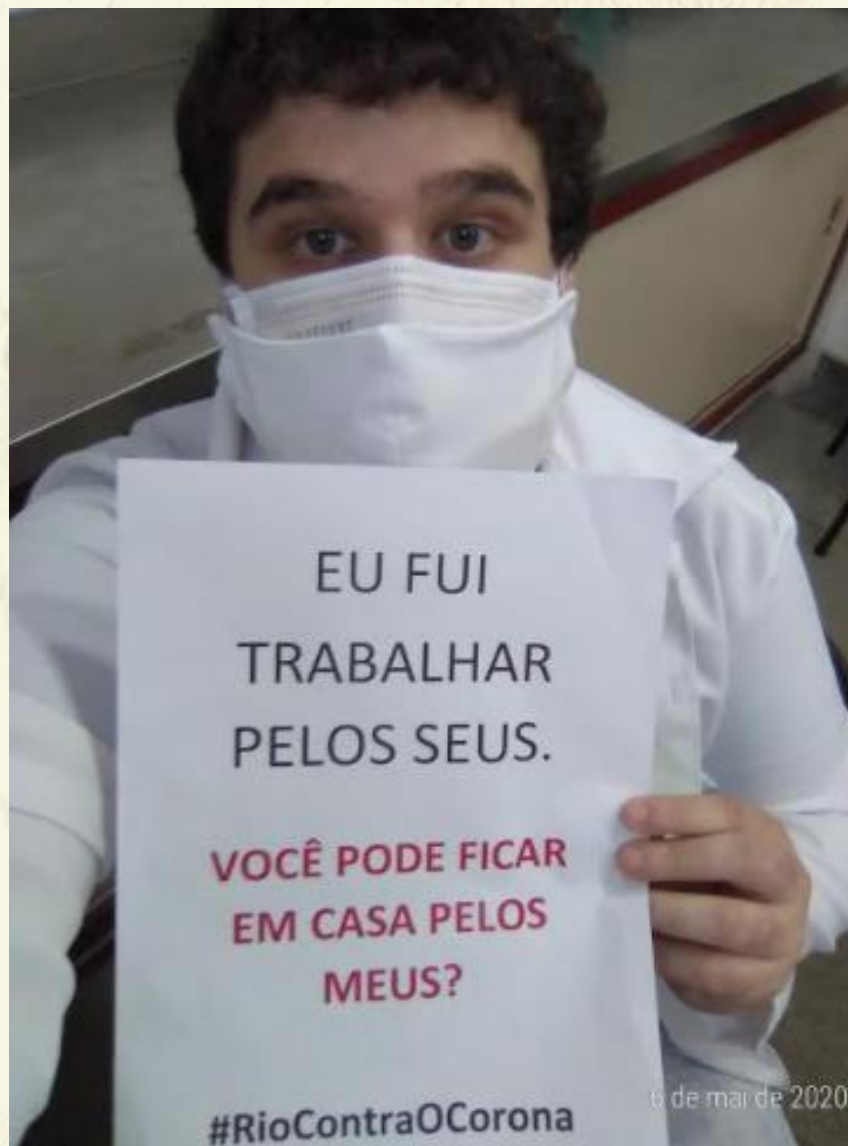
“Através da meditação, tenho cuidado de mim e cuidado de outros trabalhadores da saúde a lidar com o estresse e a insônia em tempos de pandemia.”

Carlos Silvan, professor, pesquisador, sanitaria e facilitador de yoga e meditação. Afogados da Ingazeira/PE, 17 de maio de 2020.



“A pandemia do COVID me fez refletir em vários aspectos da minha vida. Um dos principais aspectos é sobre a preservação das vidas. Enquanto enfermeira, sempre me preocupou a preservação da vida do outro, a qualidade da assistência, o cuidado humanizado ao outro. Na minha vida profissional, nós sempre estivemos à frente da batalha, muitas vezes cansados, com vários problemas, até doentes, mas estávamos lá. E, hoje, nesse contexto de pandemia em que nos transformaram em heróis, eu tenho me preocupado muito com a preservação da minha vida. Será que isso pode ser considerado egoísmo? Não, isso não é egoísmo. Esse sentimento é de medo. Medo de perder a nossa vida, medo de perder algum familiar, algum amigo. Estamos presenciando diariamente o que tem acontecido e simplesmente temos medo, porque não somos heróis, somos pessoas como você, de carne e osso, que sofre, que adoece e que também a qualquer momento pode morrer. A foto que mais me representa nesse momento é a foto que fiz de dentro do carro. Lá estão toalhas, roupas, sapato para o trabalho, álcool em gel, máscaras e chinelo. Para que eu possa adentrar na minha casa, eu realizo todo dia um ritual de desinfecção, troca de roupas e de sapato. É o medo de me contaminar, contaminar um ente querido que me tem feito tomar tais medidas. Mas, eu também tenho a esperança. Essa que me faz dar o melhor de mim, porque sei que isso um dia vai acabar. Sei que dias melhores virão. Apesar de todo o medo, saberei o quanto contribuí. E quando isso tudo acabar só quero reencontrar a minha família e poder abraçar os meus, sem perdas, sem medo. Somente abraçar.”

*Fabiana Macedo, enfermeira.
Rio de Janeiro/RJ, 15 de maio de 2020.*



“Me chamo Rafael Magalhães, morador do Rio de Janeiro/RJ. Sou pai de uma filha de 10 meses. Ser pai era um sonho que sempre tive e que se concretizou através da minha linda filha Maria Teresa. Confesso para vocês que vivenciei a paternidade dos meus sonhos! Acompanhei todos os momentos, desde o pré-natal até o seu nascimento. Realmente um sonho. Entretanto, hoje se completam dois meses que não vejo minha filha e minha esposa. Ironicamente, por conta da realização de um outro sonho da minha vida: ser um profissional de saúde atuando em defesa do SUS. Um sonho que se iniciou em 2016 quando conclui meu curso de graduação em Saúde Coletiva pelo IESC/UFRJ, e que se faz presente no meu dia a dia sendo sanitaria do NASF no município de Mesquita/RJ. Um orgulho em estar podendo levar a minha contribuição como sanitaria e ajudar a vida de tantas pessoas. Admito, levo Maria Teresa todos os dias comigo. Na mente, na alma e no coração. E, assim como eu, sei que muitos de vocês estão fazendo vários sacrifícios em nome da vida e do amor, pensando no bem-estar coletivo. São lutas que opto também por representar através de poemas. A força de quem sorri mesmo quando quer chorar. Que nem pensa em desistir não importa o que se enfrente. É a força do cuidado, do perdão, da paciência, da alma, do corpo, do suor e da resistência. Sei que tudo vai passar e deixo essa mensagem para vocês. Tenham a esperança como a segurança de um nó. Fiquem em casa por Maria Teresa e por mim. Esse é o meu pedido para vocês. Continuarei todas as semanas fazendo minhas contribuições em equipe até isso tudo acabar. Sei que Maria Teresa e minha esposa estão me esperando e me apoiando. Seguras, dentro de casa em isolamento. E, para finalizar, não se esqueçam: ‘não importa o seu sonho. Acredite e não se explique, pois poucos vão entender. Só se compreende um sonho se o sonhador for você’.”

*Rafael Magalhães, sanitaria.
Mesquita/RJ, 12 de maio de 2020.*



**“Encontro essa flor no meio do caminho
Caminho entre meu trabalho e minha casa
Trabalho porque não posso parar
Caminho de lá pra cá porque sei que ela sempre vai tá lá
Olho pra ela com a esperança de que vai passar.”**

*Yuri Pessino, faturista hospitalar.
Rio de Janeiro/RJ, 9 de maio de 2020.*



EU ACS EM TEMPOS DE COVID19
“Doença agressiva. Chegar à área foi doloroso, o deslço fez-se presente para um poder atuar.
Reconstruir confiança foi preciso: diante das diversas *fake news*, a comunidade chegou a nos evitar.
O reapresentar foi crucial. Mesmo com essa nova máscara assustadora, **ESTAMOS JUNTOS!!!**
Passamos a nos reconhecer com elas, a máscara nos aproximou. Com carinho a comunidade foi abrindo o lar, fez o caminho inverso para nos presentear.
Com a máscara sendo bem-vinda, foi fácil o reconhecer em nosso olhar, foi possível entrar no lar para vacinar, orientar e com ela seguimos no ajudar.”

*Edla Barreto, agente comunitária de saúde.
Belford Roxo/RJ, 15 de maio de 2020.*



QUEDA DE BRAÇO

“Trabalho há cerca de um mês numa Unidade Básica de Saúde (UBS) na Ceilândia, região administrativa mais populosa do Distrito Federal (DF). Este serviço conta com cinco equipes de Saúde da Família e possui uma boa oferta de medicamentos e equipamentos de proteção individual. Organizamos o serviço de forma a separar uma parte da UBS para a recepção dos pacientes com sintomas gripais, evitando sua circulação pelos corredores ou seu contato com outros usuários e funcionários. Apesar das condições de trabalho na capital e da organização do processo de trabalho em nossa UBS, estou presenciando um aumento avassalador no número de pacientes com sintomas gripais que tem procurado nosso serviço. A lista de pacientes suspeitos em nossa busca ativa telefônica já é assustadora. Os casos confirmados de Covid-19 na Ceilândia já passam de 100 e o número de mortes pela doença só aumenta, três em um único dia. O hospital regional precisou transferir sua estrutura de serviços intensivos para outro serviço após 10 servidores serem contaminados por Covid, submetendo sua UTI a uma urgente desinfecção. Na outra ponta, o Governo (GDF) trava uma briga judicial pela reabertura imediata do comércio no DF em detrimento da retomada escalonada das atividades por setores. Se junta ao discurso e atitudes do Presidente da República, que repetidamente aparece sem máscara em pontos de comércio do DF, provocando aglomerações e reforçando a mensagem contra o isolamento social. Isolamento este que se encontra em franca queda em todo o DF, alcançando nada mais que 39% na Ceilândia. A sensação é de estar vivendo uma verdadeira ‘QUEDA DE BRAÇO’ – daquelas bem sofridas, dignas de um Rocky Balboa. Uma pandemia violenta, fortalecida com a queda do isolamento social e reforçada com decisões de poderosos políticos, empurrando para baixo o braço do oponente que resiste o quanto pode na rede de saúde local. Não sei qual será o fim desta peleja, mas torço para que mais forças se unam a nosso lado e nos ajudem a reverter a queda de braço – ou, como diria o boxeador, ‘não se trata de quão forte você pode bater, mas sim o quanto você aguenta ser atingido e continuar lutando. É assim que a vitória é alcançada’.”

*Waldemir Albuquerque, médico de família e comunidade.
Ceilândia/DF, 15 de maio de 2020.*



DUAS IMAGENS, DUAS MENSAGENS
“- Esse avental super fino que não tem nada de impermeável é o equipamento de ‘proteção’ individual que a prefeitura manda para suas e seus profissionais de saúde.
- Em luta por um SUS público, gratuito e de qualidade. Contra a PEC do teto de gastos! Assista a websérie: ‘nafiladosus’.”

*Evelin Gomes Esperandio, médica de família e comunidade.
Rio de Janeiro/RJ, 21 de maio de 2020.*



“Somos um projeto especificamente municipalizado! Nos chamamos ‘Arte do Direito’. Nossa intenção está sendo dar visibilidade para os comércios, profissionais autônomos e artistas conterrâneos de Embu-Guaçu/SP, nossa cidade.

E como estamos fazendo isso? Estamos promovendo transmissões ao vivo (*lives*) com profissionais autônomos e artistas e, nessas transmissões, nós divulgamos os comércios parceiros e como eles estão se adaptando e funcionando nesse período de pandemia e, também, o principal: potencializamos nossas arrecadações para famílias em situação de vulnerabilidade.

As doações serão feitas em parceria com as 11 Unidades Básicas de Saúde do município, com um levantamento cuidadoso dessas famílias por estes serviços de saúde.

Nosso objetivo é ser um projeto de mão dupla, tripla, quádrupla... Enquanto tiver lados, queremos ressaltar todos para que o #FicarEmCasa seja possível para maioria do nosso município, que a população sofra menos e que possamos passar por essa pandemia com uma menor intensidade da doença na nossa cidade. #Doe.”

Julia de Campos Cardoso Rocha, sanitarista.

Embu-Guaçu/SP, 27 de maio de 2020.



**“Foi preciso mudar; mudar a forma de se paramentar.
Foi preciso reaprender; reaprender a respirar através da
máscara quase sufocante.
Foi preciso ser paciente; paciente para realizar procedimentos
que, com toda paramentação, passaram a levar muito mais
tempo.**

**Mas foi preciso, principalmente, ressignificar; ressignificar as
possibilidades do olhar, entender que através dele e, nesse
momento, só através dele, é possível sorrir, mostrar-se
empático e comprometido com aquele que está no leito.”**

*Priscila Tavares, enfermeira.
Rio de Janeiro/RJ, 14 de maio de 2020.*



“Eu lembro do dia que ouvi a OMS decretar a pandemia mundial, por conta da COVID-19. Era uma quinta-feira e estava junto com duas amigas que trabalham comigo. Eu estava extasiada ainda, não enxergava a dimensão e a gravidade que aquela declaração iria causar nas nossas vidas. A China era muito longe para eu ver... Depois disso, foram dias e dias intensos de reuniões intermináveis. Era tudo tão novo que parecia que vinte mentes, que lutavam diariamente pelo SUS, estavam sem saber como andar no meio de tanta informação e caos mundial. Quando veio o meu primeiro sinal de cansaço, precisei ficar afastada por sete dias, porque estava com suspeita da doença. Entrei em agonia porque era injusto eu ter que me afastar com tudo o que estava acontecendo, mas foi necessário. O resultado negativo chegou e a luta persistiu! Quando paro e conto, temos quase 80 dias de quarentena e inúmeras construções protagonizadas por uma equipe composta, na maioria, por mulheres, militantes do SUS e que respiram afeto em cada passo dado. O vírus, por incrível que pareça, ainda trouxe esperança, bons afetos e laços que serão celebrados até a posterioridade. Essa foto foi tirada no dia 05 de abril, quando saímos às dezessete horas... Hoje é a cor da esperança, assistida de dentro da sala onde ainda estamos tentando decifrar essa revolução que está acontecendo.”

*Adrielle Caldas, cirurgiã-dentista.
Dias d'Ávila/BA, 05 de abril de 2020.*



“Como sanitaria da Vigilância Epidemiológica, tenho enfrentado dias difíceis na pandemia da COVID-19, mas procuro sempre estar conectado com Deus e acreditando que dias melhores estão por vir. Doses diárias de risos, bom humor, esperança e fé fazem parte da minha vida e da minha rotina nesses tempos. ‘O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã’ (Salmos 30:5).”

*Matheus Moutinho Crepalde, sanitaria.
Cataguases/MG, 09 de junho de 2020.*



“No início do isolamento social, ao realizar visitas domiciliares (mantendo o distanciamento e com proteção de EPI adequado), deixei meu WhatsApp com uma boa parte das famílias que acompanho. Buscava que assim, de alguma forma, eu pudesse ajudar tirando dúvidas sobre a COVID-19 e diminuir a ansiedade e preocupação dos respectivos pacientes.”

*Adiel do Carmo Silva, agente comunitário de saúde.
Dias D'Ávila/BA, 17 de junho de 2020.*



“Helena Cristina Alves Vieira Lima. Mulher, mãe, soteropolitana, sanitária e epidemiologista egressa da 6º turma do EPISUS. Servidora pública da SMS/Salvador e integrante do Centro de Operações de Emergência em Saúde Pública. O centro tem como objetivo promover uma resposta rápida e coordenada, por meio da articulação e da integração dos atores envolvidos, podendo articular-se com outros setores e instituições. A decisão para a criação do COE fundamentou-se na análise das informações disponíveis, incluindo a avaliação do evento, com base em critérios predefinidos, considerando riscos, ameaças e vulnerabilidades para a emergência.

Através do COE, são definidas as estratégias e procedimentos na esfera municipal para o enfrentamento da situação epidemiológica atual da COVID-19, com a finalidade de reduzir os seus potenciais impactos na saúde da população.

O COE é formado por uma equipe multiprofissional (incluindo médicos, enfermeiros, sanitários, entre outros), ligada ao Gabinete do Secretário Municipal de Saúde. Este centro é responsável pelo planejamento e monitoramento sistemático das ações previstas no Plano de Contingência para Infecção Humana pelo novo Coronavírus. A sua estruturação permite a análise dos dados, em tempo oportuno, para subsidiar a tomada de decisão dos gestores e técnicos, e a definição de estratégias e ações adequadas para o enfrentamento de emergências em saúde pública.

Dentre as ações do COE, estão a divulgação de Boletins epidemiológicos, monitoramento do Plano de Contingência, realização de videoconferências e encontros presenciais para planejamento, definição de estratégias e tomadas de decisões. Além disso, acompanha os estudos epidemiológicos sobre a projeção da epidemia e a capacidade assistencial da rede, subsidiando a compra de insumos e ampliação de leitos e unidades. O COE disponibiliza-se para contato, através do telefone (71) 3202-1234 e e-mail coe.sms.ssa@gmail.com, voltados a esclarecer dúvidas sobre a doença e, conseqüentemente, contribuir para reduzir a procura desnecessária às unidades de saúde.”

*Helena Cristina, cirurgiã-dentista.
Salvador/BA, 05 de junho de 2020.*



“Um momento de pausa...
Na Natureza sempre é assim,
As folhas caem,
Quem não entende
Acha que a vida se foi
Muitas semanas a fio
A frio
A seco
Todos os dias eu olho mais
Olho mais perto, maior
Observo
Enamoro e acredito
E já vejo brotos
Vida dentro
Encontro comigo mesmo
Mais algumas semanas
Nova transformação
Presente para um dia cansado
Um energia concentrada
Começa a explodir em flor
Vida fora
Encontro com o outro
Ciclos milenares
Natureza
Quando mesmo me afastei disso?
Esqueci?
Agora relembrei
Agora sei de novo
Minha alegria renasce
E respiro com calma
Já não me falta ar.”

*Vanessa, médica Nefrologista
da Faculdade de Medicina de Botucatu-UNESP.
São Paulo/SP, 25 de maio de 2020.*



“De tantas possibilidades para o futuro, jamais imaginei uma época em que iríamos escancarar tantas fragilidades humanas. Não dá para se sentir plenamente confortável e seguro sabendo que o outro não pode usufruir dessa segurança. É um bem estar relativo. Atender por telemedicina, participar de grupos de apoio no whatsapp e aprender a conviver comigo mesma tem sido importante para enfrentar essa situação. Entretanto, está longe de resolver algumas questões. Tento fazer o melhor e de coração.”

*Sarah Campos Freitas de Almeida,
graduanda de medicina da UNIFACS.
Salvador/BA, 17 de junho de 2020.*



“Desde quando começou a quarentena, não imaginava que as coisas fossem chegar a tal ponto. Eu, como frequentadora assídua de academia, sofri com o decreto do fechamento destes estabelecimentos. Devido à necessidade de movimentar-me e por gostar tanto de esportes, resolvi começar a treinar em casa mesmo e fazer postagens no instagram. Percebi que esse ato começou a mobilizar outros colegas e foi se multiplicando, principalmente entre os que são profissionais de saúde. Um desafiando o outro para exercitar o seu corpo. Com a prática diária percebemos a melhora da ansiedade e do humor. Encontramos na atividade física um refúgio do momento difícil e complicado em nossa área de atuação!”

*Evany Menezes Damascena Souza, cirurgiã-dentista.
Dias D'Ávila/BA, 18 de junho de 2020.*



“Estamos na era dos ‘teles’: tele (saúde), tele (atendimento), tele (sanitarista). Nessa pandemia a gente precisou se reinventar para não deixar as pessoas sem o suporte e o cuidado à saúde. Foi nesse sentido que se implantou o sistema de teleatendimento e telemonitoramento. Utilizando destas estratégias, aplicamos um questionário sobre as condições de saúde da pessoa e, mediante a avaliação de alguns critérios, a gente encaminha para a primeira escuta com o enfermeiro(a) e, se necessário, agenda médica a distância.

É muito gratificante ver o retorno e a melhora das pessoas que a gente liga e dá o suporte. Em um momento de tanta incerteza, se apoiar na fé em Deus nos faz crer em dias melhores, ainda mais que todos os dias vemos o amor de muitos se esfriando. É isso que eu desejo para todos, fé para superar os dias difíceis e se reinventar.”

*Tayná do Nascimento Costa Moreira, sanitarista.
Itaboraí/RJ, 17 de junho de 2020.*



“Lutar sempre foi um verbo imperativo na minha vida, por ser mulher, LGBT, sanitaria e da classe trabalhadora. Lutar é o que me movimenta, é o que me dá força, é o que não me faz desistir. Em tempos como esses, ser profissional da saúde no SUS é um desafio, pois a demanda no trabalho aumenta e a pressão de todos os lados também. Não está fácil, mas quando foi mesmo que esteve fácil para os lutadores e lutadoras do povo? A certeza que eu tenho é que trabalhar defendendo o SUS é também um ato revolucionário, e hoje só é menos pesado porque eu sei que eu não luto SOZINHA.”

*Élida Dias Cândido, sanitaria bacharel.
Natal/RN, 08 de março de 2020.*



“Estou aqui descansando um pouco da correria do dia a dia, mas ao mesmo tempo muito feliz e contente por saber o quão necessário é o SUS na vida das pessoas. E essa sensação de voltar para casa com a tranquilidade do dever cumprido é o que nos move e nos fortalece. Chega a ser nostálgico saber que estamos lutando do lado certo da trincheira, que temos resistido bravamente às adversidades do sistema e que temos construído pontes para salvar as vidas das pessoas. AbraSUS de resistência!”

*Edson Alan dos Santos Barros, farmacêutico.
Dias D'Ávila/BA, 18 de junho de 2020.*



“O cuidado às pessoas com transtorno mental grave submetidas ao processo degradante de longa institucionalização, em manicômios, agora é redirecionado ao convívio social através da estratégia dos Serviços Residenciais Terapêuticos e aos Serviços Substitutivos. O CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) foi confrontado, desde o surgimento da Pandemia da Covid-19 com o chamado ‘isolamento social’ (?). O direito de circular nos territórios da cidade precisou se resignificar. Com o vírus, a iminência ao regresso. Mas há outras formas de produção de cuidado em liberdade, mesmo agora ficando não mais no hospital, inóspito, mas em casa, seu lar. Um conceito de casa, um conceito da vida inserido no social, no laço, no afeto e na arte. O que é possível a estrutura psicótica ao transgredir em imagens, projeções?”

João Pedro de Oliveira Goulart Carvalho, psicólogo.

São João de Meriti/RJ, 11 de junho de 2020.

Imagem: “Piquenique na praia” por Claudia, moradora da Residência Terapêutica de São João de Meriti.



**“Estamos todos juntos nesta luta diária contra a COVID-19!
Unimos nossas forças, saberes e dedicação em prol daqueles
que precisam dos nossos cuidados. Sigamos em frente!”**

*Julio Jacob Jr., fonoaudiólogo.
Rio de Janeiro/RJ, 23 de junho de 2020.*



“Há cerca de três meses recebemos os primeiros casos. Aos poucos, fomos treinando e presenciando mudanças drásticas na organização do hospital. Novos protocolos e vários aprendizados, porém o ambiente ainda é de incertezas. O medo e a tensão estão nos nossos corredores, mas a esperança e a fé falam mais alto. Ser forte? Nem sempre é possível! Estamos lidando com mães, pais, filhos... com vidas. Em meio a esse turbilhão de informações e de emoções estamos reaprendendo a viver, a sorrir com o olhar, a ouvir mais, a adaptar-se e a conviver com a saudade.”

*Ledy Raquel Bispo, nutricionista.
Camaçari/ BA, 18 de junho de 2020.*



“O momento está sendo muito tenso, mas procuro estar sempre acessível à minha equipe. Afirmo que neste momento somos uma família e precisamos nos apoiar. Busco músicas alegres de louvores ou instrumentais para descontrair o ambiente. Fazemos escalas para não sobrecarregar ninguém e toda sexta realizamos o #Sextou, onde oramos, lançamos e agradecemos a Deus a semana vivida e vencida, além também de solicitar força e amparo para nossa família pra próxima semana de se fazer saúde. #ComoEquipeNão-EstamosSozinhos #SUSunido #Esperança #TodosContra-OCoronavírus #GratidãoEmSerSUS.”

*Yanna Luiza Carvalho Queiroz Santos, enfermeira.
Dias D'Ávila/BA, 09 de junho de 2020.*



“Hoje eu vivo na lógica de produzir cuidado. Cuidado comigo. E com isso, com minha irmã também, pois moramos juntas. Cuidado com os pacientes que precisam de leitos na UTI e que eu estou ali para achar uma vaga. Cuidado no teletendimento do TeleCovid 199, orientando os que precisam de elucidação e conforto. Cuidado com as gestantes no Centro Obstétrico de um hospital referência para a COVID-19. E assim, cuidar de mim. Uma lógica. Um ciclo. Uma decisão. Até passar...”

*Joseane Prestes de Souza, enfermeira.
Brasília/DF, 24 de junho de 2020.*



**“Estão três instrumentos de conexão
o primeiro conduz a canção, ajuda a caminhar bem no mundo
o segundo conduz o som que vem do coração e reflete o estado da alma
por último, está a cadeira
permite a minha conexão com o outro, que canta e cujo coração bate
na cadência da busca por cuidados
por saúde e por melhorias de condições de vida.**

**Fico atento aos caminhos de conexão que surgem nos encontros
diria que a reflexão que fica é como um espelho
ver no outro, na sua procura
A música tem embalado meu coração enquanto espero pessoas a se
sentarem nestas cadeiras.”**
*André Luís M. dos Santos, residente em Medicina de Família e Comunidade.
Camaçari/BA, 5 de julho de 2020.
Foto tirada em unidade de emergência.*



“Eu me chamo Vania Dias de Oliveira, assistente social de uma instituição de ensino pública, federal e de grande porte, localizada no Rio de Janeiro. A intervenção do/a assistente social frente a pandemia do novo coronavírus tem se constituído como um grande desafio, exigindo de toda equipe um movimento de ‘se reinventar’ para lidar com o imprevisível, com o inusitado. Trabalho com uma equipe de assistentes sociais que tem sido ‘gigante’, no sentido do compromisso com a qualidade da assistência prestada aos usuários (paciente/família). Esta ação, no momento, encontra-se direcionada aos familiares de pacientes internados com o diagnóstico de COVID-19. Nos aproximamos do Código de Ética do Assistente Social, o qual sugere a participação desse profissional no socorro a população em situação de calamidade pública. Isto nos autoriza dizer que estamos na linha de frente dos atendimentos à COVID-19, com foco no acolhimento às famílias e na proteção dos trabalhadores. Somos essenciais na luta por direitos sociais e defesa da vida humana, residindo aí a importância e a essencialidade desse profissional para a sociedade, especialmente em tempos de pandemia.”

*Vania Dias de Oliveira, assistente social.
Rio de Janeiro/RJ, 25 de junho de 2020.*



“O cuidar em saúde mental no campo AD (álcool e outras drogas) é, além de tratar das dores da alma, lutar contra um sistema injusto, excludente e racista. Um sistema que coloca o usuário de álcool e outras drogas, morador de rua, em um limbo de invisibilidade por um lado e periculosidade por outro. Ninguém quer estar com este sujeito. Durante a pandemia ainda mais portas se fecharam pra essa população que viu no CAPS, muitas vezes, o único suporte para continuar (r)existindo. Distanciamento é uma palavra cotidiana pra essa população e nós precisamos reinventar o cuidado e achar outras formas de demonstrar afeto, pra assim suportar esse momento tão duro.”

*Gabriela Nascimento Celestino, enfermeira.
Rio de Janeiro/RJ, 29 de junho de 2020.*



“Os profissionais de saúde de todo o mundo enfrentam um desafio totalmente novo nessa pandemia. Por isso, estar na linha de frente dos cuidados críticos é uma tarefa exaustiva e delicada. Somos a única 'família' que os pacientes têm contato enquanto estão internados. O amor de alguém está em nossas mãos...”

*Fernando Guimarães, chefe da seção de pacientes internos do serviço de fisioterapia do HUCFF.
Rio de Janeiro/RJ, 26 de junho de 2020.*



“Não queremos ser heróis. Queremos vida para todos, com saúde, dignidade, respeito, amor e arte!”

Sou Livia Monteiro Lúcio, enfermeira do Município de São Paulo. Cuidar de pessoas é a minha profissão e vocação que exerço há 14 anos com muito amor. Faço tudo o que posso e o que está ao meu alcance. Esta é a primeira vez que vivencio na linha de frente da saúde pública os desafios de uma pandemia. Aprendi muitas coisas, e uma delas está dito na canção sensível da cantora Paula Mattos ‘não deixe o abraço apertado faltar’.

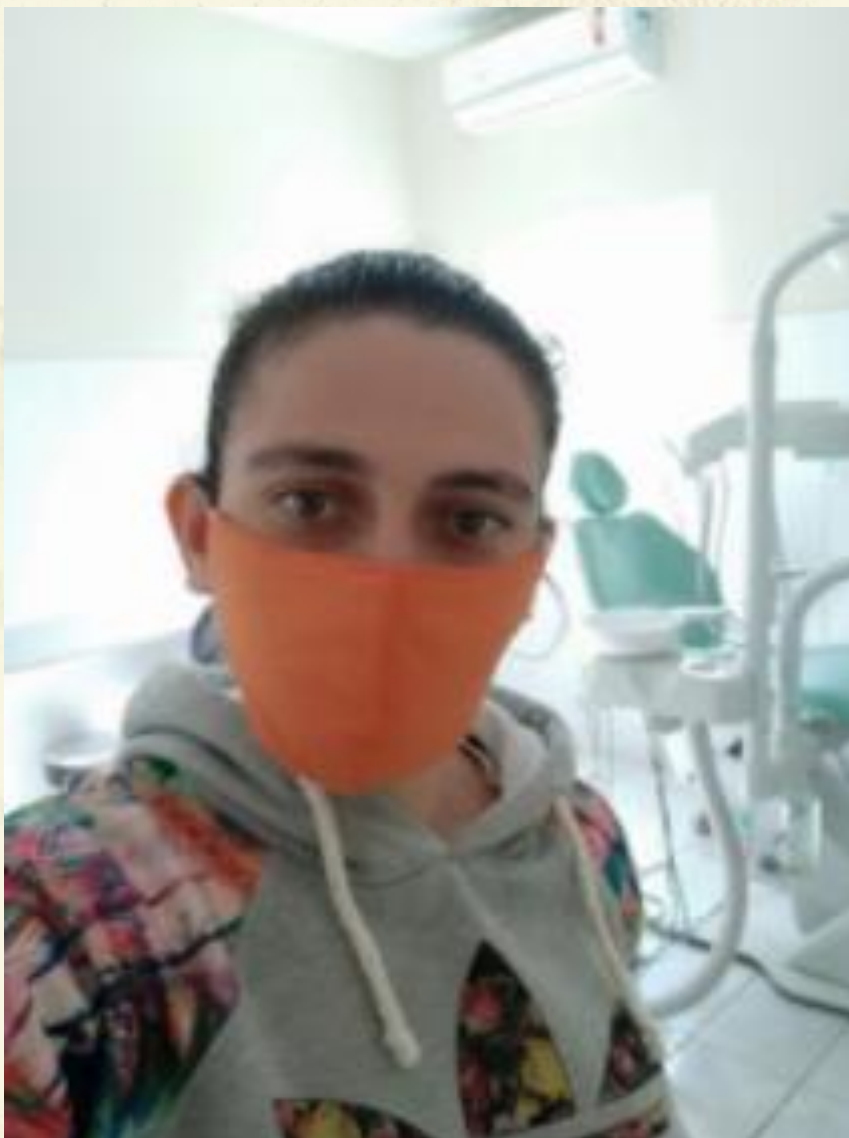
O que eu mais sinto falta no momento é o abraço das pessoas que amo. Isso porque neste momento que tenho cuidado mais intensamente de pessoas enfermas e infectadas, também tenho que proteger as que eu amo, o que contraindica essa terapia! Mas vamos seguindo em frente com fé, esperança e amor pois ‘daqui a pouco tudo vai passar’.”

*Livia Monteiro, enfermeira.
São Paulo/SP, 09 de julho de 2020.*



“Cuidar do cuidador no meio dessa pandemia e acreditar que o mundo seria um lugar melhor caso as pessoas se perguntassem com mais frequência: e se fosse comigo?”

*Maristela Damasceno, agente comunitário de saúde.
Dias D'Ávila/BA, 06 de julho de 2020.*



“Essa imagem reflete o que tenho pensado. Agora durante a quarentena, o dentista não está atendendo. Então, a sala está vazia, reformada, linda e maravilhosa. A reforma da unidade vinha sendo solicitada a anos pela equipe e pela comunidade, porém a mesma só ficou pronta durante a quarentena. A gente não pode atender devido às normas: aqui na região nenhum dentista voltou a atender. Eu fico aqui parada sem poder trabalhar e estou triste por não estar exercendo a minha função de técnica em saúde bucal.”

*Alessandra Chiaradi, técnica em saúde bucal.
Vale do Capão - Palmeiras/BA, 09 de julho de 2020.*



“Incerteza e impermanência. Subir essas escadas diariamente. Temos o fôlego, pelos muitos que já não mais suspiram. O fim, não se sabe. Mas sempre haverá um próximo degrau que precisa ser subido. Coragem e vigilância, sempre.”

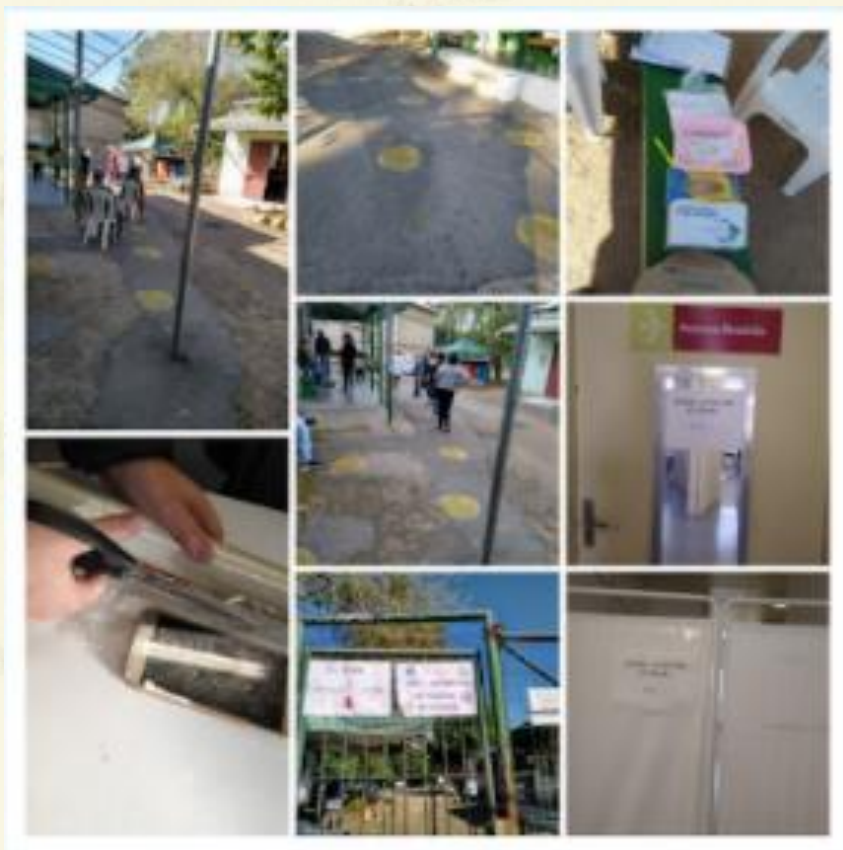
Farmacêutico.

Rio de Janeiro/RJ, 28 de setembro de 2020.



“Se a hemodiálise não pode parar, se a quimioterapia e a radioterapia também não pararam, então vamos enfrentar juntos a covid-19.”

*Erenita, assistente social do TFD.
Dias D’Ávila/BA, 07 de julho de 2020.*



“E a pandemia, já chegou?

**Bem, então, para tudo!
Começa marcando o chão. Quem faz as bolinhas?
Para tudo, reorganiza, ressignifica, repensa, reorganiza,
repensa, ressignifica. Suspende as consultas.
E as visitas? Suspende as visitas.**

E a pandemia, já chegou?

**Máscara, luva, avental (iiich! Não usava há muitos anos...).
Óculos, touca, enrola o celular no plástico filme (daí dá para
passar álcool 70 nele).
Álcool na mesa, na mão, no pensamento. Só pode 6 na
cozinha.
Telefone, Whatsapp, Facebook, Instagram. A tenda na
porta, distanciamento de quem se quer estar próximo.**

E a pandemia, já chegou?

**Está no sono, no sonho, no pesadelo.
E o descaso, e o pouco caso.**

E a pandemia, já chegou.”

*Renata Pekelman, médica de família e comunidade.
Porto Alegre/RS, 11 de maio de 2020.*



“É uma dificuldade manter-se equilibrado em meio aos extremos, sejam eles sociais, políticos, intelectuais ou psíquicos. A pandemia trouxe o isolamento, o distanciamento social, o adoecimento, a perda, a morte, a dor e o luto. Estar só tornou-se forma de proteger e ser protegido, embora não os estejamos 100%. A presença física faz muita falta, mas tudo que somos não se fez, nem se formou no isolamento e solidão, é uma construção de muitas pessoas. Carregamos em nós histórias, somos frutos delas e da reunião de afetos. Isso de alguma forma nos consola, mas também nos enche de saudade. Procuramos formas de preencher estas ausências com a tecnologia, mas ninguém está totalmente imune à perda, dor e lágrimas. Eu não apenas choro POR, mas posso chorar COM, além de acolher e ser o olhar por trás da máscara que escuta e ausculta. Alguém que está junto com quem também traz uma somatória de sentimentos ao seu local de trabalho, período de internação ou isolamento domiciliar. Acolher sentimentos pode fazer com que a tristeza não nos arraste e mantenhamos as rédeas da lucidez, jamais sem afeto ou sensibilidade, sobretudo à dor do outro.”

*Naiara Rodrigues, psicóloga clínica hospitalar.
Cuiabá/MT, 24 de junho de 2020.*



DIA DE NASCER

“Sua pele clara, de linda alma negra, tudo que ela queria era parir. Tanto que completas as 38 semanas, me deixou em claro na véspera do meu aniversário de cinquenta.

Que cheiro tem o líquido?

_ De desinfetante - disse ela, lembrando que tinha lavado o banheiro naquele dia, e nem podia dizer a cor do líquido que se misturava ao ladrilho verde do chão.

Em meio ao carnaval, pela madrugada, nos continuamos falar...

Alarme falso, era eu quem bem desconfiara.

Duas semanas após, vias de fato, a bolsa se rompe. A foto não me deixava nenhuma dúvida, e parti ao seu encontro.

Como dissera por antemão, não se assuste que minha trilha sonora será samba, eu adoro.

As ruas já estavam vazias, com o medo ainda tímido, mas já presente.

A cor mais escura, pedaços de mecônio, nos fez adiantar a ida para a maternidade.

Havia uma mistura de dor e felicidade, seu último parto ainda quase na adolescência, não teve gosto. Foi marcado e cicatrizado, por isso seu desejo agora era pelo menos saber se ia suportar.

Partimos em bando, em um carro de duas portas, cheio de amigos felizes, e bolsas, e seus gritos ao lado do carona. A patrulhinha nem se importou quando viu o carro, quase dos *Flintstones*, entrar chutado, corredor do BRT à dentro, e a gente gritava em coro para os policiais: ‘ESTÁ NASCENDO’...

Meu coração discretamente acelerado lembrava que estávamos diante do início de um isolamento, ainda na época vertical, e que podia significar maiores desafios nesse momento tão singular.

Chegamos à recepção assustada, da moça atendente, que nem sabia que dia era, embora já fosse quase meio-dia.

Aparentemente, só alguns que podiam esperar fora e se distanciar, mantinham-se afastados. Mas não demos conta, a menina precisava se recostar, ela que esperara tanto para ter uma nova chance de se sentir mulher de verdade, como dizia, em doloroso deleite encostou-se a um banco, e se transbordava aminióticamente sem controle.

A essa hora, sua vontade já era de xingar, o que começou a fazer por entre os dentes. A porta nos separava da assistência, e a espera parecia infinita, e cheia de expectadores assustados, embora não se pudesse esperar nada diferente de um lugar para se nascer. Esperar a cena e o grito, mais não o impedimento, estar fora mais quase dentro, afinal a recepção não é o lugar mais confortável, se é que acharemos um melhor, quando pudermos entrar.

De cara quando se pareceu poder a porta ser aberta, uma pequena cena teatral se organiza, as moças que nos recebem dizem: _ somos uma maternidade de portas abertas! Por que você ainda está aí fora com toda essa dor? Acho nessa hora, que elas disfarçam, para o dia não parecer tão duro. Era visível a tensão ligada por um fio de tomada, em muitas regras de nova circulação. Ou então, na melhor das hipóteses, nossas caras de aparente tranquilidade nos poderia conferir algum poder especial, talvez o de transmutar pela porta cerrada de vidro, controlada por um botão dentro do balcão da recepção.

Entramos, mas ficamos do lado de fora, a desculpa era que a sala dos médicos, era bem pequena, e que nesse caso, com mecônio, eles que precisavam supervisionar. Convidados para fora da porta de vidro estamos de novo quase dentro, eu e seu acompanhante por lei, por ainda mais cerca de 20 minutos, sem nenhuma notícia de ‘nossa’ menina, agora de felicidade mais discreta, porque a dor já doía mais.

Ela passa então já de camisola, sentada em uma cadeira de rodas fria. Chora, já não sei se de dor, ou decepção, ou discreta tristeza, porque disseram só por um pequeno

tempo de sonar, que seu bebê já sofre, e vão correr para operar.

Nessa hora, a decisão precisa, que ela não quer tomar: _ Ou seu companheiro ou a doula. Tomada de profunda pausa, agarrada em minha mão enquanto espera o intervalo entre uma e outra contração, e de voz embargada, me diz querer dar ao pai, que já não tinha estado presente no parto de seu outro primeiro filho, a oportunidade de ficar, embora ele queira nesse momento correr. Tomo seus pertences e vou discretamente me saindo de cena, dando ao seu companheiro umas poucas últimas instruções, e um incentivo, **CORAGEM!**

Quando volto à recepção, o bando de amigos me cerca, todos querem notícias embora eu não tenha nada de novo a lhes relatar. Meu estômago grita, e não há nada para comer em nenhum lugar, lembrei que já evitando ir ao supermercado, não tinha nada de lanche rápido que sempre carrego na bolsa, por essas longas empreitadas. Engoli a fome, e foquei na vida, enquanto o vento soprava com suavidade a copa das árvores do externo pátio.

Os quase sessenta minutos seguintes, tornam pelos maços de cigarro dos amigos, junto à outros acompanhantes impedidos, o espaço descoberto da maternidade, uma “fumaderia”. Quase me asfixio, não há distância que eu tome, que o vento não arraste um pouco da fuligem cheia de ansiedade.

De repente, uma mensagem no zap diz nasceu, e mais nada. A comadre se desespera, porque não segue nenhuma foto, daquelas típicas dos bebês com a touca de meia, junto da pequena palavra. Eu tento acalmar a todos, dizendo que com tantas novas regras, ou mesmo o nervosismo do pai, possa ser a resposta certa à falta de uma notícia mais precisa e com imagem, mas que estava certamente tudo bem.

De repente o pai pula para o lado de fora com os olhos cheios de lágrimas, todos sem combinar andam em sua direção, a fim de encurtar o tempo de encontro. Perguntamos quase em uma só voz sobre o que tinha acontecido, e ele disse, espirrei porque emocionado tive que chorar. A doutora me pôs para fora, ninguém mais pode espirrar...

Corri novamente na recepção para ganhar tempo, nessa hora, existiam duas meninas sós, lá dentro. Eu com a ficha preenchida e um adesivo na blusa, já tinha transitado após a porta de vidro e certamente iria entrar. Não foi tão rápido, teve que haver uma nova abordagem, um lembrete de que tínhamos agora duas mulheres vulneráveis à um acompanhamento por afeto de laços previamente formados, lá dentro à nossa espera.

Entrei e lá estavam elas sós, no corredor burocrático, sobre uma maca fria a já mãe novamente, parestesiada da cintura pra baixo enquanto esperavam transitar, à enfermaria. A pequena menina já tinha fome, e buscava o seio farto de sua mãe, sem se dar conta da falta de jeito que era amamentar naquela posição. Perguntei à enfermeira pela placenta, só me disse que estava 'muito ruim' e que teve que ser descartada ainda na sala de cirurgia. Muita curiosidade para ver uma 'placenta ruim', embora à essa hora as meninas estivessem uma com a outra tão encantada, que nem faziam mais questão de nada.

Esperamos por longos minutos ainda, enquanto conversávamos com uma moça, no seu terceiro parto. Experiente, parecia não acreditar estar passando por uma indução, já que com 42 semanas o neném não queria saber de nascer.

Quando chegamos ao quarto, as meninas já estavam fiscalizadas, o nome da mãe tinha sido escrito errado. A moça rude vem lhe apertar as mamas, e dizer que tem que parar de falar, e que nada de beber água. Todos se entreolham em silêncio, até a já puerpera do leito da frente, que trocada de

roupa com seu bebê no colo, parece aliviada esperando a hora de apresentar sua casa para a cria, que chegou junto com tantas outras crianças em um dia tão já difícil de nascer.

Ainda abraço as meninas, a regra do contato ainda não era tão clara, e desço antes que a hora da troca de plantão nos falte, afinal a comadre a essa hora já gastou muitas palavras, e quando subir, vai poder deixar todas no quarto descansar.”

*Nilcéia Figueiredo, doula.
Rio de Janeiro/RJ. 18 de março de 2020.*





NARRATIVAS DOS EXTENSIONISTAS

Carolynne Cosme de Souza
César Augusto Paro
Édnei César de Arruda Santos Júnior
Joice Cavalcanti Lima
Joyce Domingues da Silva Oliveira
Juliana Valente Faria Bastos
Karina da Silva Assis Corrêa
Laianne Dias Inácio
Levi de Almeida Santa Rosa
Marcos Paulo da Silva Garcia
Miriam Ventura e
Neide Emy Kurokawa e Silva

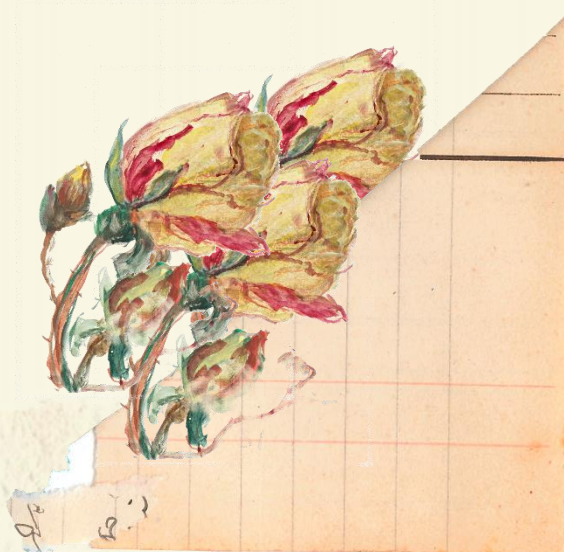
Em dezembro de 2019, era um problema sanitário chinês. Em menos de dois meses, o coronavírus já tomava conta do globo. No Brasil, logo depois do carnaval, tudo fechou. Comércio, serviços, escolas. Inicialmente, eram quinze dias de afastamento social, que foram se estendendo e se flexibilizando, mas que perduram até hoje.

Com tudo parado e na expectativa do retorno, começamos a pensar o que poderíamos fazer de concreto em relação à pandemia. Chamava-nos a atenção a situação de profissionais “da linha de frente”, pessoas que não tinham tempo para elaborar dúvidas, angústias, tristezas, impotências. Simplesmente tinham que dar conta do contingente de pessoas chegando aos hospitais e que, não raro, e não obstante aos seus esforços, não conseguiam sobreviver às complicações da doença.

A primeira ideia que nos ocorreu foi propor um projeto de extensão. Mas o que poderíamos fazer? E como fazer isso remotamente? Tínhamos apenas a certeza de que queríamos um projeto de extensão que tivesse algum impacto para esses trabalhadores e que fosse uma oportunidade de construção coletiva de conhecimentos, afinal, ninguém sabia nada a respeito da pandemia. Contávamos apenas com a experiência de estarmos vivendo.

Assistíamos as denúncias dos profissionais acerca da falta de condições de trabalho que eram fartamente divulgadas pela mídia, bem como o estado de exaustão em que se encontravam. Pensamos, então, em um projeto de extensão que propiciasse mais um espaço para que essas pessoas pudessem expressar seus sentimentos, angústias, denúncias...

Vimos que as redes sociais poderiam ser um profícuo espaço para circulação dessas expressões, vindo a ideia de desenvolver um projeto de extensão que aproveitasse esse potencial, tanto no sentido de propiciar alguma contribuição para os denominados “linhas de frente”, quanto para o processo formativo de estudantes da área da saúde e da equipe em geral.



Pensamos nas redes sociais como um espaço que permitisse desde uma catarse individual, mas também como um lugar de reflexões sobre a pandemia e de construções coletivas.

Para tanto, nada melhor que utilizar as próprias redes sociais para reverberar essas expressões: *Facebook* e *Instagram*! Neide não dominava essas redes e nem mesmo participava delas. Contando inicialmente com a juventude e a expertise de César, doutorando de Saúde Coletiva e agora professor substituto do IESC/UFRJ e de Karina, estudante de Saúde Coletiva, o projeto começou a tomar corpo.

Projeto pronto, devidamente aprovado e registrado na universidade, passamos a divulgá-lo na expectativa de adesão de outros parceiros. Será que eles viriam? Qual seria o interesse dos estudantes em trabalhar com narrativas? Qual não foi nossa alegria quando inicialmente duas estudantes da Biotecnologia, Laianne e Joice, se candidataram. E já vieram arregaçando as mangas! Na sequência, vieram Joyce (com “y”), da Psicologia, e Juliana, da Medicina. Marcos e Édnei, já conhecidos graduandos da Saúde Coletiva, também vieram, com garra, juntar-se ao grupo. Em seguida, que alegria foi contar com uma sanitarista egressa da universidade, a Carol! E foi muito bacana contar com Levi, companheiro do Hospital Universitário, que se interessou pelo processo, trazendo sua experiência e juntando-se a nós!

O trabalho e as discussões semanais eram intensas, muitas ideias, muitas expectativas. Uma experiência que envolveu muito aprendizado, daquele que talvez nenhum livro ou aula ensine. Foi um aprendizado de vivência, de compartilhamento, de respeito, de criação. E, por que não, de frustrações também... Para falarmos deste processo, utilizaremos aqui as narrativas de cada um dos membros da equipe:

“Quando começou a pandemia, o medo veio junto. Mas, a vontade de querer ajudar também. Então, entro no Sistema Integrado de Gestão Acadêmica da universidade e jogo na busca de projetos de extensão o termo ‘COVID-19’. Fui

vendo cada um e me encontrei nesse aqui sobre narrativas” (Joyce).

“O nosso grupo é composto por estudantes de diferentes graduações (Biotecnologia, Medicina, Psicologia e Saúde Coletiva) e professores de diferentes institutos (Faculdade de Fisioterapia e IESC). Minha história nesse projeto foi parecida com a da Joyce: eu também vi o projeto e achei interessante a forma de colocá-lo em prática, pois se relacionava com a construção de narrativas, o que era algo que eu não estava tão acostumada” (Laianne).

“Perante um cenário tão assustador, via nesse projeto uma forma de trazer e fazer circular as vozes dos profissionais que tanto lutam pela vida, mas que, muitas vezes, não são escutados” (Édnei).

“Ao receber um e-mail convidando para participar de um projeto de extensão no IESC, uma luz se acendeu: estava buscando exatamente isso! Caiu do céu! Daí participei da primeira reunião e... Foi amor à primeira vista! Encontrei o que procurava! E, a cada participação, crescia o entusiasmo, principalmente quando fui conhecendo mais um pouco de cada um: o César com sua alegria contagiante, a Neide com sua serenidade e sensatas ponderações, os diversos graduandos com as suas múltiplas habilidades tecnológicas e tão disponíveis para aprender e ensinar. Já havia uma base inicial do projeto, mas foi acontecendo uma construção coletiva – coisa jamais experimentada por mim num projeto de extensão: geralmente os projetos são elaborados por um ou mais criadores e os outros se adaptam/encaixam à criação. Mas este foi diferente desde o início” (Levi).

“Desde o início, a questão da organização do processo foi uma preocupação. As reuniões periódicas eram gravadas e alguém sempre se responsabilizava pelo registro. Nestes momentos, planejávamos coletivamente os nossos próximos passos e nos dividíamos para desenvolver as tarefas

operacionais. Mas, para olharmos e vislumbrarmos o futuro, sempre colocávamos em análise e autoanálise o passado, refletindo sobre o que vínhamos vivendo e desenvolvendo no projeto. Afinal, num projeto de extensão, a preocupação não é só fazer. É fazer e pensar no que fazemos” (Karina).

“A cada encontro semanal, as nossas responsabilidades no projeto foram aumentando. Entre uma semana e outra, o vírus ia se aproximando de nós. O marido da Neide foi acometido pela COVID-19 e o grupo todo sentiu. Em julho, fui eu desta vez quem foi acometido, felizmente de forma branda. O coronavírus estava em todos os cantos: do interior de nossas residências aos noticiários. Para ampliar nossa compreensão sobre este contexto pandêmico, realizei como uma das atividades a análise dos depoimentos de profissionais de saúde no quadro ‘Aqui dentro’ do Jornal Nacional. Isso foi muito rico para mim, pois pude me aproximar ainda mais da realidade da pandemia” (Levi).

“Muito se ouve sobre os trabalhadores na linha de frente contra a COVID-19, mas pouco se escuta os mesmos. Acredito que compartilhar e ler experiências é o primeiro passo para desenvolver a empatia. Podemos até nunca chegar a viver alguma das situações narradas, mas as narrativas possibilitam nos sensibilizarmos e, daí, sermos pessoas melhores para o outro” (Juliana).

“No nosso cotidiano social, a narrativa tem uma grande relevância. Quem nunca escutou o dito popular: ‘Cuidado! A palavra tem poder’? Numa rápida visita ao dicionário, o termo ‘narrativa’ tem várias acepções, dentre elas: ‘ação, processo ou efeito de narrar; narração’, ‘exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou de imagens’. Emerge daí que construir uma narrativa requer ação no sentido de expressar algo que vemos, que compreendemos, que nos mobiliza, que nos permita

apresentar nossas fragilidades, nossos desafios. No entanto, há nela também um potencial de escrita do futuro, de construir e de propor novos modos de ver aquela situação, de viver a vida” (Carolyne).

“O nosso projeto buscou colocar os profissionais em evidência, no centro de suas próprias narrativas, além de deixá-los confortáveis para expressarem as suas emoções e sentimentos neste momento de tantas incertezas e instabilidades” (Karina).

“As narrativas dos profissionais que recebíamos eram contundentes e mexiam comigo. Às vezes, ficava me colocando no lugar dos que enviavam os seus relatos. Estes relatos presentificam a pandemia como uma realidade, se contrapondo aos discursos que a referem como uma ‘lenda urbana’ ou ‘manipulação política’, sem nenhuma consideração pela vida humana. Vidas humanas importam sim e isso está mexendo muito comigo!” (Levi).

“Apesar da expectativa de receber muitas contribuições dos profissionais de saúde ao projeto, tivemos que lidar com um quantitativo menor que o esperado. Fizemos o que estava ao nosso alcance: apresentamos a proposta do projeto aos diversos trabalhadores da linha de frente com quem tínhamos contato. Nosso projeto sempre era bem apreciado e recebíamos muitas afirmativas do desejo de participar. Apesar disso, algumas dessas narrativas ‘prometidas’ nunca foram escritas” (César).

“E isso foi, inclusive, um dos impasses que a gente encontrou durante o projeto: muitas pessoas queriam manifestar a sua expressão, dar a sua contribuição, mas, muitas vezes, referiam não saber a forma certa de fazer isso – mesmo não existindo uma forma certa para se fazer isso” (Laianne).

“Aqui, temos que também pensar que o próprio silêncio é uma narrativa. O silêncio deles também é reflexo do quanto

estão exaustos, esgotados fisicamente e mentalmente. Então, talvez conseguir se expressar também tenha sido uma dificuldade deles porque são meses e meses nessa constante e exaustiva luta cotidiana. Falar ou escrever talvez esteja sendo difícil também” (Joyce).

“Ao mesmo tempo que sabíamos que os profissionais estavam muito ocupados e com pouco tempo para escrever as suas narrativas e expressar suas experiências, sabíamos também que é difícil narrar. Por que será que é tão difícil a gente compartilhar a nossa experiência, principalmente pelas redes sociais? Esta pergunta nos perseguiu e nos persegue até hoje, mesmo na fase de conclusão do projeto” (Neide).

“Até mesmo dentro do nosso próprio grupo de extensionistas nos deparamos com este desafio do ‘ato de narrar’, quando a gente propôs a atividade de nós mesmos manifestarmos a nossa contribuição com a nossa imagem e mensagem para as redes sociais. Foi a partir disso que a gente viu que não era uma tarefa tão simples. É necessário parar, pensar e construir esse processo, e, enquanto experiência particular de cada indivíduo, não há uma ‘camisa-de-força’ sobre como tem que ficar o resultado final: cada um pode fazer isso da forma como achar melhor” (Laianne).

“Mesmo assim, a falta de narrativas inquietava o grupo... Para alguns de nós, precisávamos investir no impulsionamento das redes sociais do projeto: ou entramos no ‘jogo de monetização’ das nossas páginas virtuais, ou não seríamos vistos no ‘mundo da internet’ e, conseqüentemente, não receberíamos mais contribuições. Para outros, tínhamos que produzir eventos sobre a temática, com vistas a ter mais interesse dos profissionais de saúde e daí possibilitar a ampliação da divulgação do projeto, o que nos traria mais seguidores e interações nas nossas páginas. Experimentamos diversas destas estratégias, que nem sempre se apresentaram

como efetivas. Chegamos a nos questionar: ‘será que fracassamos com esse projeto?’” (César).

“Com esta pergunta, a gente resolveu parar um pouquinho com as ações focadas no aumento de seguidores das nossas páginas e avaliar o nosso próprio processo. Começamos a pensar que talvez não fosse tão proveitoso focar nossas energias em conseguir alcançar um grande público. Retomando o nosso objetivo de criar um espaço para circular as vozes daqueles que têm vontade de se expressar, entendemos que não importava quantas pessoas estivessem vendo aquilo: o importante é que o profissional iria ter a sua expressão manifestada e a sua voz seria compartilhada conosco e com o público que foi envolvido no projeto” (Laianne).

“Acho que a gente também encontrou a resposta para esta pergunta quando olhamos para os dois eventos que organizamos no interior do projeto: a Roda de Conversa ‘Imagens e narrativas da pandemia: uma conversa com trabalhadores de saúde’ no Festival do Conhecimento da UFRJ e a Oficina ‘Linhas de Frente: um diálogo entre estudantes envolvidos no enfrentamento ao COVID-19’ na Semana de Saúde do Estudante da UFRJ. Estas experiências são dois pontos-chave para demonstrar que estamos de fato cumprindo com os objetivos do projeto. Pudemos observar ao vivo e a cores estudantes e profissionais trazendo seus sentimentos e vivências, sendo que o compartilhamento destas narrativas permitiu construir reflexões sobre este momento. Não é todo dia que a gente vivencia uma pandemia, tantas dificuldades, tantos problemas políticos, tantas outras novas questões que emergiram daí em nossas vidas. Mas é nesse compartilhar das dores que também vamos construindo a luta para a melhora coletiva dessa situação toda” (Karina).

“Como tínhamos essa sede de nos encontrarmos com vozes que ainda não tínhamos esbarrado e/ou conhecido no nosso

projeto, começamos a participar de eventos que nos permitiriam ampliar as vozes e narrativas até então encontradas. Além dos dois espaços que organizamos que Karina comenta, ela também nos representou no Painel Temático ‘O papel da extensão universitária e do sanitário no contexto da pandemia do coronavírus’ no Festival do Conhecimento da UFRJ e César nos representou na Mesa-Redonda ‘Ações de extensão fora da Escola de Educação Física e Dança da UFRJ’ do V Seminário Comunidade - Ações de extensão durante a COVID-19” (Carolyne).

“Acredito que a participação do projeto em todos esses eventos favoreceu um amplo diálogo-reflexivo sobre os impactos gerados pela pandemia aos profissionais e trabalhadores da saúde dispersos pelo Brasil, bem como na vida dos estudantes da UFRJ que se engajaram no enfrentamento da COVID-19. Além disso, também buscamos identificar outras iniciativas existentes na UFRJ que tocassem na questão das narrativas em saúde, seja por meio de projetos de extensão, pesquisas e/ou eventos culturais. Afinal, para ir pensando o desenvolvimento do nosso próprio projeto, seria interessante dialogar e considerar os aprendizados de outras experiências semelhantes” (Marcos).

“Acho que a gente conseguiu produzir muitas coisas, mas a gente fez muitas perguntas também, que é a própria finalidade de um projeto de extensão. Então uma outra questão que acho que apareceu de um jeito muito bacana no processo foi que nós tínhamos uma tarefa, nós perseguimos um objetivo, mas, ao mesmo tempo, a gente estava em um processo de formação de cada um de nós também, como é o objetivo de processos extensionistas. O projeto, portanto, não tocou somente a comunidade externa de trabalhadores da saúde, mas, na medida em que se desenrolou enquanto um processo reflexivo, foi formativo para nós, os próprios participantes do projeto” (Neide).

“Acabou que, durante todo este processo, a gente aprendeu tanto com as pessoas que contribuíram nas narrativas, com suas dificuldades, com suas perspectivas, quanto com o nosso próprio grupo, com nossos conflitos internos, com as diferentes formas de pensar, diferentes opiniões... E, assim, a gente foi crescendo. Conforme foi dito anteriormente, ao irmos refletindo e analisando o que estava acontecendo em cada situação que aparecia e como seria a melhor forma de abordagem, a gente foi, juntos, crescendo” (Joyce).

“Crescendo ao ponto da gente poder inclusive compartilhar tristezas e questões que tocasse de uma forma muito difícil individualmente para vários de nós. Mas pudemos nos acolher! Tivemos toda sorte de dificuldades pessoais e a grupalidade que a gente foi construindo fez com que esses nossos encontros das quintas-feiras das seis horas às oito horas fossem de formação de uma comunidade de trabalho” (César).

“Sim, o projeto foi de fato não só voltado para nosso objetivo de visibilizar narrativas pandêmicas, mas também foi mais voltado para nossa formação profissional, nossa formação como cidadãos e como humanos, nossa transformação nesse momento tão difícil. Quando alguém precisava de algum apoio técnico, buscamos juntos alternativas de recursos. Quando a gente precisava manejar algum tipo de ferramenta que não conhecíamos, buscamos pessoas para nos ensinar. Foram várias as pessoas externas e internas ao grupo que disponibilizaram do seu tempo para esta construção. Pudemos aprender em coletivo, mas não era ensino de tablado, feito de forma vertical, era um ensino horizontal na qual todos nós tínhamos voz. Todos nós estávamos aprendendo e ensinando em grupo. Por isso, transformou nossas vidas e nos propiciou refletir nossas próprias perspectivas do que significa ser profissional de saúde. Pudemos vivenciar de tão perto as perspectivas dos profissionais inseridos em um contexto tão complexo. Nos

espelhamos em vários momentos nessas narrativas. Nós sentimos de perto, toda aquela dor, toda aquela angústia, até mesmo felicidade por algumas narrativas e casos. Foi um processo muito enriquecedor para todos. Acho que todos nós esperamos que a pandemia do COVID-19 não se repita, nem de nenhum outro agravo. Mas, se acontecer, todos nós estaremos um pouco mais preparados por ter vivido este projeto” (Karina).

“Podemos ir sensibilizando nosso olhar para as vulnerabilidades existentes neste cenário atual de pandemia, e, ainda, evidenciar a importância dos sentimentos, das angústias, das emoções e dos anúncios e denúncias realizados por todos os profissionais e trabalhadores da saúde” (Marcos).

“Mesmo com quase um ano de pandemia no Brasil, falar da COVID-19 nos gera e remete a importantes desafios do cotidiano” (Carolyne).

“Nesta situação pandêmica, foi e é de extrema importância dar voz àqueles que estão dia a dia na linha de frente do combate à COVID-19. O projeto teve exatamente essa função, buscando que essas pessoas possam compartilhar suas angústias e desabafos. Não teve nada mais gratificante do que poder contribuir para que isso fosse possível” (Joice).

“Que toda essa dor possa ser ressignificada pela solidariedade e esperança presentes neste percurso triste. Obrigada a todas/os os profissionais da saúde que por suas ações e narrativas me permitem continuar a defender e compreender novas dimensões e a importância de nossos direitos humanos rumos à justiça social e à felicidade!” (Miriam).

“Este projeto mudou minha maneira de encarar a própria pandemia. Despertou em mim o olhar positivo deste momento da vida. Aprendi a olhar o que de bom foi criado neste momento e pude acompanhar a mobilização de vários

grupos sociais. Acredito que muitos de nós, jamais seremos os mesmos, ao final desta experiência!” (Levi).

“Participar deste projeto foi um eterno aprendizado do início até o fim. Me proporcionou experiências fantásticas. Uma frase que define o projeto para mim é: ‘acolher aqueles que acolhem’” (Édnei).

“Me encontrei com pessoas maravilhosas do projeto, que me agregou e me deu forças nesse momento da pandemia. Eu precisava disso, todos nós precisávamos disso. O projeto deu voz para outras pessoas que também precisavam ter a voz. Então, estamos enfrentando ainda juntos esse processo da pandemia, mas estamos aqui para o que der e vier” (Joyce).

“Nesse momento difícil, a solidariedade foi e está sendo essencial. Estamos unidos através da distância. Estamos firmes através da esperança. E estamos vivos através das narrativas” (Juliana).





Equipe do Projeto de Extensão

**SOBRE O PERCURSO
TEÓRICO-CONCEITUAL**

Neide Emy Kurokawa e Silva e
César Augusto Paro



140



141

Uma das importantes referências para repensar a extensão universitária é a obra de Paulo Freire “Comunicação ou extensão?”, na qual, tomando como exemplo o trabalho dos extensionistas agrícolas, problematiza o próprio sentido da palavra extensão e a ideia subjacente de transmissão de conhecimentos, de “quem sabe” para “quem não sabe” (FREIRE, 2015).

A partir de uma concepção em que ciência e sabedoria prática se comunicam em prol de novos conhecimentos e fazeres, como proposto por Freire, a extensão universitária vem sendo objeto de debates internacional e nacionalmente. No Brasil, destaca-se a Política Nacional de Extensão Universitária que, sob o princípio constitucional do tripé ensino-pesquisa-extensão, a define como “um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade” (FORPOEX, 2012, p. 15).

O desenvolvimento de um projeto de extensão afinado com essas diretrizes que aposta nas possibilidades dialógicas de construção compartilhada de conhecimentos é uma tarefa desafiadora, sobretudo quando se propõe a trabalhar com narrativas, como é o presente caso. Trata-se de uma temática cuja amplitude de disciplinas e de concepções teóricas que a informa pode, em contraste, reduzi-las a um tipo de apreensão ingênua das histórias, que não ultrapassa esse nível de conhecimento, que não problematiza, não age.

Diante desse desafio, um primeiro empreendimento que será desenvolvido neste capítulo diz respeito a um breve



delineamento do quadro teórico que orientou o olhar sobre as narrativas no projeto de extensão⁴.

O projeto de extensão “Uma imagem, uma mensagem... expressões de profissionais de saúde no contexto da COVID-19” pode ser situado no campo da promoção da saúde, pretendendo tocar diretamente o público de trabalhadores de saúde, que foram tão enaltecidos pela mídia e pela população como os “heróis da linha de frente”.

As noções de promoção da saúde e de processo ensino-aprendizagem aqui adotadas são apoiadas em referenciais críticos, calcados em princípios da humanização e dos direitos humanos, ressaltando o caráter reconstrutivo e emancipatório do conhecimento. Neste sentido, as práticas pedagógicas são orientadas para os direitos dos sujeitos, mas, sobretudo, para os sujeitos de direitos, como discutido por Rifiotis (2007) acerca dos direitos humanos, contrastando os discursos de vitimização, precariedade, abandono e impotência com aqueles que fomentam as capacidades de ação de indivíduos e comunidades diante de situações adversas.

Seguindo o jargão da pedagogia freiriana, a ação é fruto de um processo que envolve a leitura da realidade, a partir da qual é possível identificar situações problemáticas, consideradas como situações-limite. Diante de tal percepção, a ação pode dirigir-se a uma vitimização/adaptação, ou, alternativamente, serem destacadas, com vistas à resolução do problema e transformação da realidade (PARO; VENTURA; SILVA, 2020).

Ainda partindo desse referencial, as vulnerabilidades não são tomadas como identidades fixas dos “profissionais-heróis”, cujos sofrimentos os assujeitavam às adversidades trazidas pela pandemia, como o esgotamento físico e mental, a falta de condições de trabalho, o desconhecimento e as incertezas sobre

essa nova doença e o futuro. Nosso movimento, aqui, é outro: tendo como pressuposto o sofrimento dos trabalhadores no contexto da pandemia, as narrativas emergiram como uma via para a elaboração dos sentimentos e, ao final, como modo de contribuir para a promoção de sua saúde.

A diáde narrativas e saúde tem se expressado em diferentes campos e disciplinas e essa articulação tem crescido muito nos últimos 30 anos, sendo observada na prática clínica (FAVORETO; CAMARGO JR., 2011; FERNANDES, 2014; GROSSMAN; CARDOSO, 2006), ensino médico (CHARON, 2004; GREENHALGH, 1999; HURWITZ; BATES, 2018; STELET *et al.*, 2016) e também na formação dos profissionais de saúde em geral (CAPOZZOLO *et al.*, 2014; IRONSIDE, 2006), bem como nos processos de pesquisa (CASTELLANOS, 2014; COSTA; GUALDA, 2010; GRENHALGH, 2016; ONOCKO-CAMPOS; FURTADO, 2008; SCHRAIBER, 1995; TRAD, 2012).

Apesar das distintas correntes teóricas que alimentam a noção da narrativa, em comum, estas apontam para a sua função de mediação, como exemplificado por Onocko-Campos e Furtado (2008): entre discurso e ação, na crítica literária de Ricoeur; entre acontecimento e estrutura, para as correntes historiográficas; entre indivíduo e sociedade, nas correntes da comunicação; ou entre memória e ação política, segundo a psicanálise de Kristeva, a partir de uma perspectiva arendtiana.

O seu caráter mediador é o que propicia dar significado à experiência, pois mediatiza um “interior” e um “exterior” ao “eu” na relação ser-no-mundo. As relações narrativamente estabelecidas entre interpretação, experiência e ação ao longo do processo saúde-doença-cuidado podem contribuir na reflexão sobre as relações entre estrutura e ação social, bem como entre

⁴ Este empreendimento será mais bem detalhado, incluindo uma análise sobre o processo, em artigo que está em fase de submissão.

contextos específicos de interação social e contextos societários mais amplos. A narrativa tem sido considerada como uma forma universal de construção, mediação e representação do real, participando do processo de elaboração da experiência social e colocando em causa a natureza da cultura e da condição humana (CASTELLANOS, 2014).

Como um guia sensível à fluida e variável natureza humana e uma estrutura aberta e maleável, a narrativa nos permite conceber a realidade em constante transformação e reconstrução, bem como compreender os textos e contextos da nossa experiência (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003). Para além de organizar interpretações, as narrativas também são compreendidas como uma forma de agenciamento social, sendo um elemento na construção social de experiências e trajetórias de adoecimento e cuidado (CASTELLANOS, 2014).

O processo envolvendo o ato de narrar experiências e compartilhá-las faz parte das atividades humanas: contar e ouvir outras histórias permite interpretar a própria existência e o mundo em que vive, conferindo-lhe uma identidade.

A noção de identidade pareceu particularmente promissora no desenvolvimento da proposta do projeto de extensão, na medida em que tomou como ponto de partida os discursos em torno dos “heróis da linha de frente”. Se a sociedade, de certo modo, lhes conferiu essa identidade que, ao mesmo tempo em que lhes gratifica com homenagens e menções na mídia, também lhes cobra determinadas ações, a possibilidade de contar ou recontar suas histórias pode oportunizar o que Paul Ricoeur (2019) propôs como identidade narrativa. O pensador argumenta que “dizer a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade é responder à pergunta: *quem* fez tal ação?” (p. 418). Relembrando Hannah Arendt, o autor reforça que “responder à pergunta *quem?* [...] é contar a história de uma vida. A história contada diz o *quem* da ação” (p. 418).

Tais ponderações situam-se nos contrapontos teorizados por Paul Ricoeur acerca da identidade-idem e da identidade-ipse, que se diferenciam pela substancialidade, formalidade e imutabilidade da primeira e a abertura a reconfigurações que permitem a “mudança e mutabilidade, na coesão de uma vida” (p. 419) oportunizada pela segunda, ou seja, reconfigurações que fazem da própria vida um tecido de histórias contadas.

Embora possa sugerir, as ideias de que as narrativas ajudam a tecer histórias e de sermos escritores e leitores de nossas vidas, não deve ser tomada desde uma perspectiva individualista. A agência envolvida na reconfiguração das histórias diz respeito ao si do conhecimento, da identidade-ipse, fruto de uma vida examinada, conforme evocado por Ricoeur na “*Apologia*” de Sócrates. A vida examinada trata de uma “compreensão da identidade como processo de contínua reconstrução reflexiva, talhada pelo encontro com a alteridade” (AYRES, 2004, p. 25) e que pode ser alcançada pelos efeitos catárticos das narrativas.

A catarse, que foi um dos motes da proposta de extensão, vem recebendo apropriações em contextos diversos. Na concepção aristotélica, aproxima-se do sentido de purificação ou de purgação, a partir do pressuposto de que algumas emoções podem ser liberadas como uma descarga emocional provocada por uma situação dramática, despertando piedade e temor.

Ao narrar, simultaneamente, expressamos as experiências e tomamos certa distância das mesmas, permitindo-nos apreender o seu sentido geral. “A catarse vem da distância aberta entre o literal e o figurativo pela arte da ação imitada” (KEARNEY, 2012, p. 418), mas, ao mesmo tempo, ela nos envolve na ação, incitando a compaixão narrativa.

Na Pedagogia Histórico-Crítica, a catarse, enquanto categoria, é resultado de processos educativos que culminam na passagem da necessidade à liberdade, como auge do momento do processo pedagógico, em que os educandos, reconhecendo e incorporando a “humanidade produzida historicamente e

coletivamente pelos conjuntos dos homens” (SAVIANI, 2013, p. 422), podem construir e reconstruir novas formas de sociabilidade.

Se a história e a sociedade construíram a narrativa dos “heróis da linha de frente”, o projeto de extensão aposta na oportunidade de os trabalhadores da saúde poderem construir os enredos de suas experiências e reconfigurar essas narrativas predominantes, abrindo-se a novas identidades, as identidades narrativas.

Nesse quadro é que se desenvolveu a trajetória do projeto de extensão, desde a sua concepção, estendendo-se ao processo envolvendo a equipe, as ideias, conhecimentos e decisões colocados em prática e, sobretudo, no trato com os trabalhadores da saúde.

Para além dos “produtos” imagens e mensagens, essas expressões nos contam histórias, nos contam vida, nos contam experiências que transcendem as nossas existências temporais e espaciais. Quisemos honrá-las, aprendendo com elas e com o forte desejo de não precisarmos mais de heróis, mas, simplesmente, de cuidadores.

Referências Bibliográficas

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. *Saúde & Sociedade*, v. 13, n. 3, p. 16-29, 2004.

BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 16, n. 3, p. 525-535, 2003.

CAPOZZOLO, Angela Aparecida *et al.* Narrativas na formação comum de profissionais de saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 12, n. 2, p. 443-456, 2014.

CASTELLANOS, Marcelo Eduardo Pfeiffer. A narrativa nas pesquisas qualitativas em saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 4, p. 1065-1076, 2014.

CHARON, Rita. Narrative and Medicine. *New England Journal of Medicine*, v. 350, n. 9, p. 862-864, 2004.

COSTA, Gabriela M. C.; GUALDA, Dulce M. R. Antropologia, etnografia e narrativa: caminhos que se cruzam na compreensão do processo saúde-doença. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, v. 17, n. 4, p. 925-937, 2010.

FAVORETO, César Augusto Orazem; CAMARGO JR, Kenneth Rochel de. A narrativa como ferramenta para o desenvolvimento da prática clínica. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 15, n. 37, p. 473-483, 2011.

FERNANDES, Isabel. A pertinência da Medicina Narrativa na prática clínica. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, v. 30, n. 5, p. 289-290, 2014.

FORPOEX, Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Manaus: FORPOEX, 2012.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GREENHALGH, Trisha. *Cultural contexts of health: the use of narrative research in the health sector*. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe, 2016

GREENHALGH, Trisha. Narrative based medicine: narrative based medicine in an evidence based world. *The British Medical Journal*, v. 318, n. 7179, p. 323-325, 1999.

GROSSMAN, Eloísa; CARDOSO, Maria Helena Cabral de Almeida. As narrativas em medicina: contribuições à prática clínica e ao ensino médico. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 30, n. 1, p. 6-14, 2006.

HURWITZ, Brian; BATES, Victoria L. The roots and ramifications of narrative in modern Medicine. *In: ATKINSON, Sarah et al (Eds.). The Edinburgh Companion to the Critical Medical Humanities*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2018. p. 559-576.

IRONSIDE, Pamela M. Using narrative pedagogy: learning and practising interpretive thinking. *Journal of Advanced Nursing*, v. 55, n. 4, p. 478-486, 2006.

KEARNEY, Richard. Narrativa. *Educação & Realidade*, v. 37, n. 2, p. 409-438, 2012.

ONOCKO-CAMPOS, Rosana Teresa; FURTADO, Juarez Pereira. Narrativas: utilização na pesquisa qualitativa em saúde. *Revista de Saúde Pública*, v. 42, n. 6, p. 1090-1096, 2008.

PARO, César Augusto; VENTURA, Miriam; SILVA, Neide Emy Kurokawa e. Paulo Freire e o inédito viável: esperança, utopia e transformação na saúde. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 18, n. 1, p. e0022757, 2020.

RICOEUR, Paul. *O tempo narrado*. Volume 2. Tempo e narrativa. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

RIFIOTIS, Theophilos. Direitos humanos: sujeito de direitos e direitos do sujeito. *In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et al (Orgs.). Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos*. João Pessoa: Editora Universitária, 2007. p. 231-244.

SAVIANI, Dermeval. Gramsci e a educação. *In: LOMBARDI, José Claudinei; MAGALHÃES, Livia D. Rocha; SANTOS, Wilson da Silva (Orgs.). Gramsci no limiar do século XXI*. Campinas: Librum Editora, 2013.

STELET, Bruno Pereira et al. Portfólio Reflexivo: subsídios filosóficos para uma práxis narrativa no ensino médico. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 21, n. 60, p. 165-176, 2016.

SCHRAIBER, Lilia Blima. Pesquisa Qualitativa em Saúde: Reflexões Metodológicas do Relato Oral e Produção de Narrativas em Estudo sobre a Profissão Médica. *Revista de Saúde Pública*, v. 29, n. 1, p. 63-74, 1995.

TRAD, Leny Alves Bomfim. Trabalho de campo, narrativa e produção de conhecimento na pesquisa etnográfica contemporânea: subsídios ao campo da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 3, p. 627-633, 2012.



SOBRE OS AUTORES

CAROLYNE COSME DE SOUZA

Bacharela em Saúde Coletiva pela UFRJ. Equipe técnica da Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social (AEDAS). Integrante do Projeto de Extensão 1 imagem, 1 mensagem.
Contato eletrônico: carolyne.cosme@gmail.com

CÉSAR AUGUSTO PARO

Fonoaudiólogo. Professor Substituto da Área de Ciências Sociais e Humanas em Saúde do IESC/UFRJ. Vice-coordenador do Projeto de Extensão 1 imagem, 1 mensagem.
Contato eletrônico: cesaraugustoparo@iesc.ufrj.br

ÉDNEI CÉSAR DE ARRUDA SANTOS JUNIOR

Graduando em Saúde Coletiva pela UFRJ. Integrante do Projeto de Extensão 1 imagem, 1 mensagem.
Contato eletrônico: edneicesar2@gmail.com

IVANA BENTES

Professora Titular da Escola de Comunicação e Pró-Reitora de Extensão da UFRJ.
Contato eletrônico: gabinetepr5@pr5.ufrj.br

JOICE CAVALCANTI LIMA

Graduanda em Ciências Biológicas: Biotecnologia pela UFRJ. Integrante do Projeto de Extensão 1 imagem, 1 mensagem.
Contato eletrônico: joicebiotec@gmail.com

JOYCE DOMINGUES DA SILVA OLIVEIRA

Graduanda em Psicologia pela UFRJ. Integrante do Projeto de Extensão 1 imagem, 1 mensagem.
Contato eletrônico: joyce.domingues@gmail.com



JULIANA VALENTE FARIA BASTOS

Graduanda em Medicina pela UFRJ. Integrante do Projeto de Extensão 1 imagem, 1 mensagem.

Contato eletrônico: juliana.valente13@hotmail.com

KARINA DA SILVA ASSIS CORRÊA

Graduanda em Saúde Coletiva pela UFRJ. Integrante do Projeto de Extensão 1 imagem, 1 mensagem.

Contato eletrônico: karinacorrea.sc@gmail.com

LAIANNE DIAS INÁCIO

Graduanda em Ciências Biológicas: Biotecnologia pela UFRJ. Integrante do Projeto de Extensão 1 imagem, 1 mensagem.

Contato eletrônico: laiannedias99@gmail.com

LEVI DE ALMEIDA SANTA ROSA

Fisioterapeuta. Professor Assistente da Faculdade de Fisioterapia da UFRJ. Integrante do Projeto de Extensão 1 imagem, 1 mensagem.

Contato eletrônico: levisantarosa@gmail.com

MARCOS PAULO DA SILVA GARCIA

Graduando em Saúde Coletiva pela UFRJ. Integrante do Projeto de Extensão 1 imagem, 1 mensagem.

Contato eletrônico: marcos.1985.30@gmail.com

MIRIAM VENTURA

Advogada. Professora Associada da Área de Ciências Sociais e Humanas em Saúde do IESC/UFRJ. Colaboradora do Projeto de Extensão 1 imagem, 1 mensagem.

Contato eletrônico: miriam.ventura@iesc.ufrj.br

NEIDE EMY KUROKAWA E SILVA

Psicóloga. Professora Associada da Área de Ciências Sociais e Humanas em Saúde do IESC/UFRJ. Coordenadora do Projeto de Extensão 1 imagem, 1 mensagem.

Contato eletrônico: neks@iesc.ufrj.br



SOBRE O LIDHS

O Laboratório Interdisciplinar de Direitos Humanos e Saúde - LIDHS, criado em 2016, integra o Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e tem como propósito desenvolver pesquisas, ampliar e aprofundar a reflexão crítica sobre os diferentes usos e aportes teóricos e metodológicos dos Direitos Humanos na Saúde Coletiva. Fomenta a mobilização social e institucional desenvolvendo atividades de ensino-pesquisa-extensão articuladas e organizadas a partir de três linhas de atuação: Direito à Saúde e à Justiça, Educação e Cuidado em Saúde, Saúde Global e Direitos Humanos. O LIDHS reúne professores e pesquisadores, técnicos, estudantes de pós-graduação e graduação da UFRJ e externos.

Para saber mais: www.lidhs-ufRJ.org



Este livro é fruto do Projeto de Extensão “Uma imagem, uma mensagem... expressões de profissionais de saúde no contexto da COVID-19” desenvolvido pelo Laboratório Interdisciplinar de Direitos Humanos (LIDHS) do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ) entre 2020 e 2021. Buscamos aqui compartilhar com os trabalhadores da saúde e com a comunidade acadêmica as narrativas produzidas durante este agir extensionista. Entendemos que olhar para o vivido pode nos ajudar a compreender tanto os desafios experienciados pelos trabalhadores quanto as reconstruções possíveis de si e das práticas de saúde, bem como pode nos gerar aprendizados sobre o cotidiano extensionista em períodos de distanciamento físico, quando o ambiente virtual se torna um imperativo sanitário.

REALIZAÇÃO



LABORATÓRIO INTERDISCIPLINAR DE DIREITOS HUMANOS E SAÚDE – INSTITUTO DE ESTUDOS EM SAÚDE COLETIVA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Av. Horácio de Macedo, s/n (próximo à Prefeitura Universitária da UFRJ), Cidade Universitária,
Rio de Janeiro/RJ, Brasil - CEP: 21941-598
lidhsufrj@gmail.com | www.lidhs-ufrj.org